

# MUCU rippe

**AUDIFAX  
RIOS**



Coleção Pajeti



Mucuripe



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**Gaudêncio Gonçalves de Lucena**

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza  
**Francisco Geraldo de Magela Lima Filho**

Secretária-Executiva  
**Paola Braga de Medeiros**

Assessora de Políticas Culturais  
**Francisca Ivanilde F. da Silva**

Assessor de Planejamento  
**Inácio Carvalho de A. Coelho**

Assessora de Comunicação  
**Ana Paula Bezerra Neves**

Assessor jurídico  
**Vitor Melo Studart**

Coordenadora de Ação Cultural  
**Germana Coelho Vitoriano**

Coordenador de  
Criação e Fomento  
**Lenildo Monteiro Gomes**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico e Cultural  
**Alênio Carlos N. Alencar**

Coordenador  
Administrativo-Financeiro  
**Max Diego de Carvalho Caldas**

Diretora da Vila das Artes  
**Claudia Pires da Costa**

Secretário da Regional II  
**Cláudio Nelson Araújo Brandão**



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

Audifax Rios

# Mucuripe

*Luzeiro da perdição*

Fortaleza - Ceará

2014

Concepção e Coordenação Editorial  
**Gylmar Chaves**

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa  
**Khalil Gibran**

Revisão  
**Milena Bandeira**

Fotos da Capa e Contracapa  
**Gentil Barreira - Imagem Brasil**

Supervisão Técnica  
**Adson Pinheiro**  
**Amanda Nogueira**

Catálogo na fonte  
Maria Zuila de Lima CRB/3 – 405

---

Rios, Audifax  
R586m Mucuripe / Audifax Rios.- Fortaleza: [s.n.], 2013.  
89p.  
ISBN  
1. Bairro Mucuripe, Fortaleza (Ce), História. I. Título.

---

CDD 981.31

# Sumário

O mundo encantado do Mucuripe	7
Para fazer alguém feliz	10
Do batismo monumental	13
Os olhos do mar	16
Rostro Hermoso	18
Usina do Serviluz	21
As velas do Mucuripe	24
Pedro, tu és pedra	26
Navegantes embaixadores	29
Onde o porto de Fortaleza?	31
A saga dos jangadeiros	34
A santinha da promessa	36
Na canção que os meninos vão cantando	39
Na tela e na chapa	44
Obras do porto: morosidade de jangada	47
O esquecido Chermont	49
A noite das meninas alegres	51
O decálogo dos jangadeiros	55
Titã e Tita: gigantes das águas	57
Cidadão Orson Welles	59
Caymmi e Villa-Lobos	62
O lendário padre Nilson	64
Nem tudo é verdade	68
Notas explicativas	71
Referências bibliográficas	86





## O mundo encantado do Mucuripe



A primeira coisa que fiz, quando cheguei à Fortaleza, nos Aídos de 1958, foi, como todo bom matuto, conhecer o mar. Ritual inaugural cumprido na Praia de Iracema, ao lado do restaurante Lido, onde havia restos de duas pilastras de um espigão antigo, do tempo da guerra. Dia seguinte, a Volta da Jurema, nas imediações do Náutico, nos arrecifes onde funcionava, a céu aberto, o Centro Santanense. Depois fui conhecer o porto de jangadas do Mucuripe, frente à igreja de São Pedro que tinha boteco nos fundos. Logo acima, anos mais tarde, trabalhei na oficina de serigrafia do Velho Zuza, o Djalma Cruz, na rua da Paz, pegada à esquina do Zé Maria do Badé, quando a estreita viela ainda tinha casebre de taipa. Nesse tempo era assíduo frequentador do Acrem do Zé Nilson e do Terra e Mar do Cirênio. Quando conheci o vereador Alberto Queiroz pra quem fiz cordel de campanha e nos tornamos irmãos. Na época, fundamos o Grêmio Recreativo Garapió com o Dedé do BNB, o outro Dedé, o do Náutico, e toda a primalhada do Djalma. A sede era no bueiro do riacho Maceió. Tempo em que o Tertulia-



no Siqueira escrevia peças para o TEJO, o grupo de Teatro Jovem. Desenhei flâmulas para os dois. Subi as dunas e percorri o calçamento do Cordeiro Neto, ao lado do Hildeberto Torres e do Alcion Lemos para ver locações e pesquisar cactos e casebres, a fim de melhor dar conta dos cenários de *Os Deserdados*, de Eduardo Campos, com que a TV Ceará, canal 2, foi premiada em Barcelona com o “Oscar” da revista Ondas. Curti a noite do Farol, mesmo com a má fama, bem menos perigoso e violento que hoje em dia. Fui iniciado no restô Chez Pierre, já decadente, e tomei alguns passes de mãe de santo numa festa de Iemanjá, mirando o Farol Novo. Do Velho, subi as escadarias para fotografar e depois pintar; estava desativado e imundo. Joguei sinuca na Unidocas e saboreei o baião com biquara frita no mosqueiro do Valdécio. Subi e descí vielas do Mucuripe tomando boas talagadas de cachaça, andanças que terminavam dando na casa do Cláudio Pereira.

Voltando um pouco, aventurei-me numa gostosa pescaria: organizar uma antologia do que se disse sobre a praia que o mar acabou e pari o *Iracemar*. Engendrei biografia atrevida do Dragão do Mar, que parte para a segunda edição e, logo que reinaugurada, fiz exposição na Ponte com o título de *Praia dos Amores*. No tempo em que a Ivone, irmã do Caubi, tinha boteco na casa do almoxarifado, e um navio havia despejado imensas toras de madeira, nosso banco de bar. Trabalhei em agências de

propaganda do pedaço, a Imagem, em frente ao malfadado edifício Jaqueline; e a A.S. Propaganda, do Anastácio Souza, perto da pracinha do Náutico. Quando, em parceria com o José Augusto Lopes, Xavier e Luciene, fizemos memorável campanha para o Banco do Estado do Ceará - BEC sob o tema “O bom cearense”, abordando o pescador e o milagre da multiplicação de cruzeiros em cofrinhos de poupança. Frequentador dos bares Pirata e Opção, fiz exposição de arte nos dois, onde também lancei livros. Foi do Pirata que saí com a *Louvação do Jangadeiro* debaixo do braço para mostrar lá na Bretanha, em 2004, no festival marítimo de Brest, França. Tudo isso para justificar que talvez fosse mesmo o escriba com mais bagagem para traçar essas linhas, as quais pretendem ser um exercício, um aquecimento, para enfrentar uma trilogia de romances que pretendo começar agora, tendo como cenário o país do Mucuripe, guiado pelos faróis velho e novo, os olhos do mar. E para fechar com chave de ouro esse arrazoado, faço saber que já fiz troféu para a Fundação Cidade inspirado na Iracema guardiã do Zenon Barreto. E que escrevi essas mal traçadas enquanto passavam ao largo as velas do Mucuripe do Raimundão e do Bel.

## Para fazer alguém feliz

**M**ucuripe cheira a peixe. Embaixo, em cima; na orla, nas dunas. O travo adocicado da maresia e o odor nauseabundo de guelras e vísceras extirpadas refletem na areia o brilho das escamas prateadas. Nas dunas mortas, onde se formam labirintos de casebres subindo e descendo rumo ao farol, o agradável aroma de uma culinária especial, própria, peculiar. No céu, o olhar brilhante do luzeiro antigo espia distantes constelações.

Pedro, Raimundo, Manoel Olímpio, Antonio, José, Cícero Romão, Raimundo Correia, Luiz, Samuel, André, Jerônimo, João, Manoel Jacaré, Zé Maria, Luciano, Ezequiel, Amadeu Germano... centenas de jangadeiros, pescadores, ajudantes; afora os embarcações que perambulam em procura das putas, do amor negado nas lonjuras do maroceano.

Guarajuba, arabaiana, xaréu, biquara, cioba, galo do alto, ariacó, cavala, serra, camurupim, pargo, beijupirá, sirigado, guaiúba, cangulo e muitos peixinhos que não vale a pena apartá-los do seu mundo azul, nem para eles, nem para nós. E lagostas, camarões e outros frutos do mar, trazidos à terra engaiolados em manzuás para satisfazer a gana gastronômica dos ricos em restôs chiques e clubes.

Maria, Joana, Creuza, Luzia, Dinorá, Ana, Tereza, Conceição, Edwirges, Rita de Cássia, Perpétua, Aparecida, Consolação, Inês, Rosa, Anunciação, Guadalupe, Fátima, Maria do Céu... nomes de prostitutas estabelecidas, na Rua da Frente, atual Beira-Mar, ou em volta do Farol do Mucuripe, em sórdidos lupanares, cada qual (*todas são filhas de Deus*) com sua devoção pendurada na parede, imagens milagrosas, bentas que foram pelo santo padre José Nilson na igreja de Nossa Senhora da Saúde, onde coloridas luzes fluorescentes das rodas gigantes da pracinha competiam com o pisca-pisca dos dois faróis marítimos e o facho dos carros que passavam bastante apressados na avenida asfaltada.

Maicon, Darkson, Leididai, Orsôúeles, Richarlisson, Bioncê, Kênido, Madona, Murramede, Chaquira, Elves, Pâmela, Baraque e Deividison... curumins e cunhanzinhas procurando o espelho em que foram projetados, bugiganga vendida pelos mascates que sobem e descem as dunas mortas com suas carroças de tralhas babilônicas. Esse é o Mucuripe dos meninos descalços, pés molhados no Maceió poluído, o futuro do pedaço, crescendo entre pedras e pedras; pecadoras e pescados, e toda sorte de marginais sob a proteção do manto divino da padroeira, malandragem aprendida para enfrentar a vida crua e cruel. Para seguir a sina ancestral: o mar tenebroso, traiçoeiro, romântico e sepultador.

Altos e baixos nas ruelas engasgadas, os casebres acanhados, espremidos pelos espigões colossais que despontam agulhentos do centro da terra, o *rostro hermoso* com a máscara hipócrita do progresso e do espanto. Oscilações na vida, na cotação da lagosta, no michê das miseráveis, nas esmolas dizimadas dos cofres divinos.

Mucuripe não é o mesmo e nem será, a sentinela caduca já desenxerga, a outra faz vista grossa, tudo está tão escuro. O sobe e desce do Titã, da geografia e da história, da jangada afouta que desaparece no horizonte.

## Do batismo monumental

Tudo passa sobre a face da terra.

Foi mirando a silhueta do morro do Mucuripe cortando o céu azul que Iracema confundiu sentimentos; alegria e tristeza fundiram-se como a areia da praia e a onda do mar. Moacir chegava para a vida e Martin<sup>(1)</sup> partia para as guerras. Era naquela duna branca que ele fazia rugir a inúbia para conclamar outras nações indígenas da pátria que adotara, a terra da bela esposa. Tanto que havia deixado se coatibar com as tinturas da semente do cajuru e da casca do angico para sacramentar a nova nacionalidade.

Mucuripe, pois, moradia derradeira da corajosa tabajara. Nada mais justo que o monumento de Corbiniano fosse erguido no limite do bairro, às margens do riacho Maceió. Na época, prato cheio para especulações da imprensa e o mexerico do populacho. Como Iracema fora esbarrar ali e não na praia que trazia seu nome? Anos mais tarde, a guerreira guardiã de Zenon Barreto<sup>(2)</sup> sentou praça sob o sol, arco retesado, mirando o horizonte verdeazul com aplicações de minúsculos e encardidos triângulos brancos. E a língua do povo calou.

E cabem aqui considerações sobre os dois assuntos abordados, topônimos e esculturas.

Mucuripe, segundo estudiosos, é corruptela de MACORIE, MACORIBE, MACURIBA... enfim, quer dizer “água ou rio dos mocós”, de acordo com Teodoro Sampaio. Entretanto, José de Alencar<sup>(3)</sup>, dentro de sua ótica romântica, assegura que o termo decorre de MO+CORIPE que significa “fazer alguém alegre”. E mais opiniões sobre a etimologia do lugar como MOCORYPE ou MUCORIPE, encerrando uma constante: alegria. Maceió, entretanto, suscita contradições entre os pesquisadores. Enquanto o citado Teodoro garante que o termo deriva de MBAE+SAI+O, que pretende significar “aquele que é espraído”, Silveira Bueno afirma expressar “inundação formada por águas pluviais”. Na verdade, na linguagem indígena, *mas-seió* era nome de qualquer lagoa, indeterminadamente.

Quanto às esculturas, o seguinte: o monumento à beira do Maceió, onde são retratados o guerreiro branco Soares Moreno, a índia tabajara Iracema, Moacyr, o filho da dor, e até o cachorro Japi, de autoria do pernambucano Corbiniano Lins<sup>(4)</sup>, foi inaugurada na Volta da Jurema, portal do Mucuripe, no dia 24 de junho de 1965. Era o dia do centenário do romance *Iracema: lenda do Ceará*, de José de Alencar, quando estava presente ao evento o então Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Mais celeuma. Além da localização, bairristas radicais reclamavam da encomenda da obra feita a um alienígena, pior, um pernambucano. E descarregavam

desaforos e impropérios sobre o estilo do escultor para atingir, por tabela, o eterno rival da rixa provinciana que ia da política ao futebol, da arte à religião. Anos depois, a proposta da Iracema do Zenon Barreto saiu das gavetas burocratizadas e foi bater na beira da praia, em frente ao antigo reduto boêmio do Cais Bar. Com o nome de Iracema Guardiã e bem menor que o projeto original, pode-se dizer que é uma obra póstuma, já que o artista não viu a cor de sua cria, maltratada ao longo dos tempos pela ação dos vândalos. O que, no fundo, foi providencial: a guerreira de resina e fibra de vidro ficou até mais gorduchinha depois de tantas cirurgias plásticas. Quando esguia, o poeta Virgílio Maia dedicou-lhe um soneto do qual pinçamos estes primeiros versos:

*Este arco retesado são as dunas  
da praia cearense à noite clara,  
o horizonte do mar, vela enfunada  
e o seio nu da tabajara nua*

Mas deixemos Iracema para trás. Transponhamos o portal divisório e adentremos o país do Mucuripe, outrora uma remota aldeia de pescadores ladrilhada de escamas de peixes e perfumada pela maresia.

Mucuripe, uma história que me contaram à calada da noite, quando o vento aracati fustigava o olho do farol velho.



## Os olhos do mar

A metáfora é do compositor cearense Ednardo: “O farol velho e o novo são os olhos do mar”. E diga. Remonta a 1829 a ideia de um farol sobre duna protegida por rochedos de coral. Brilhante estalo do marechal de campo lusitano com graça de pouca usança, Manoel Joaquim Pereira da Silva, governador da Província do Ceará. O ilustre gajo de altas senhorias engendrou convincente arrazoado sobre o lugar e a premência da edificação ali do tal luzeiro que guiaria as embarcações cada vez mais frequentes naquela área da costa brasileira. Isto posto, despachou documento a Sua Majestade, devidamente exarado em linguagem tabeliã, e recebeu como resposta um sonoríssimo “sim” do defensor perpétuo do Império, o qual fez saber ao digníssimo requerente da jubilosa decisão através de documento régio assinado pelos maiorais da corte em 12 de agosto do dito ano, e que encerrava com os seguintes termos:

“Sou servido de declarar-vos que aprovando a mencionada planta e orçamento da despesa do referido farol, e igualmente o expediente que tomastes sobre a compra de seus respectivos candeeiros: Hei por bem ordenar-vos que procedais efetivamente na sua construção, como tanto convém à navegação nesse porto”.

Os tais candeeiros adquiridos previamente, licitados ou não, eram alimentados sugestivamente por azeite de peixe, e a planta prometida do Farol do Mucuripe jamais chegou ao destino. Mesmo assim, as obras foram iniciadas em 1840 e concluídas seis anos depois.

Gustavo Barroso<sup>(5)</sup>, em seu livro *À margem da história do Ceará*, descreve a arquitetura que abrigava o engenho: “um edifício básico octogonal em alvenaria, sobre o qual estava montada uma torre cilíndrica de ferro que dava acesso ao andar superior. Era um farol dióptico de quarta ordem, com 33m acima do nível do mar, que permitia sua visualização aos navios que passassem a uma milha de distância”.

A título de curiosidade, alguns dados técnicos: a construção do farol teve a orientação dos engenheiros Júlio Álvaro Teixeira de Macedo e Luiz Manoel de Albuquerque Galvão, auxiliados pelo maquinista Trumbull, o Truberel. Localização: latitude sul 3° 45' 10"; longitude oeste de Greenwich 38° 35' 9". Seu foco luminoso elevava-se a mais de 33 metros acima do preamar e era acionado com o concurso de três faroleiros. Piscava a cada minuto, e sua luz era visível a 24 quilômetros de distância. Sua inauguração oficial deu-se no dia 29 de julho de 1872 para comemorar o aniversário da Princesa Imperial.

Com o andar dos anos, o farol passou a apresentar os esperados problemas; as transmissões dos sinais tornaram-se precárias, urgia mudanças. Ademais, a localização em um espaço ermo inspirava cuidados quanto à segurança dos operadores e demais operários. Finalmente foi desativado em 1958, quando passou a funcionar, imediatamente, o novo farol, localizado em dunas mais altas e mais distantes da beira-mar. Este, inaugurado oficialmente no dia 12 de dezembro de 1959, por ocasião das comemorações da Semana da Marinha.

## **Rostro Hermoso**

*Exaustas caravelas, desgarradas  
das rotas mais ou menos surpreendentes,  
rondaram Rostro Hermoso e as madrugadas  
do Mucuripe abriam-se indolentes  
às vistas espanholas, deslumbradas  
pelo fulgor das tépidas correntes,  
pela luz destas praias tabajaras,  
deitadas ao sabor das ondas claras.*

Estes versos do poeta jaguaribano Luciano Maia, que abrem o livro Seara, soam como carta de escrivão da frota. Sucinta, verdadeira, eloquente. Bastaria. Porém, vamos

escarafunchar velhos alfarrábios e deles extrair momentos remotos e por a par do leitor feitos memoráveis dos navegadores que aportaram por estas paragens. Foi o andaluz Vicente Yáñez Pinzón o primeiro a pisar as areias da costa cearense, isto a 2 de fevereiro do ano de 1500, bem antes, portanto, da visita oficial do almirante Cabral.

Pinzón, que havia comandado a nau La Niña na expedição de Cristóvão Colombo às Antilhas, em 1499, com quatro caravelas, após ter passado por Aracati (Ponta Grossa), a que chamou de Cabo de Santa Maria de la Consolación, veio ter à enseada do Mucuripe, batizada por ele de *Rostro Hermoso*. Navegavam, então, ao sabor dos ventos e das correntes e, depois de perder o contato com a estrela polar, chegou por estes sítios como que acidentalmente. Segundo registros sob guarda do Arquivo Geral das Índias (Sevilha), Vicente Yáñez Pinzón teria demorado cerca de três dias, perlongando nossas praias, dormindo nas caravelas, e depois, partido no rumo nordeste em procura de água para o abastecimento. Registrou Pinzón ter encontrado no Mucuripe uma enseada mansa com areias brancas e muito arborizada. Pouco tempo depois, ou seja, a 5 de setembro de 1501, foi nomeado pelos reis espanhóis Fernando e Isabel, capitão-mor da região compreendida entre o Ceará e a Amazônia. Nomeação esta que não foi reconhecida pela coroa portuguesa em razão do Tratado de Tordesilhas. Recorramos ainda ao poeta Luciano Maia para

arrematar essa notícia com um dos versos finais do aludido Seara (“Da noturna voz do vento andejo”), a seguir:

*Quero escutar, na madrugada, um feixe  
de vento a arremessar-se contra um muro.  
no Mucuripe, uma jangada, um peixe,  
e um pescador, o dia ainda escuro.*

## Usina do Serviluz

Corria o ano de 1911. Para alimentar a tração dos bondes com energia elétrica, transportes coletivos, até então, movidos à tração animal, foi criada em Fortaleza, no início do mês de maio, a Usina de Luz e Força do Passeio Público pela firma The Ceará Tramway Light & Co., cuja pedra fundamental da casa de máquinas só seria lançada um ano depois. A “Laite” parecia mais preocupada com os cascos dos burros competindo com os pneumáticos dos modernos coletivos do Oscar Pedreira<sup>(6)</sup> e com as chuteiras dos craques do Tramway Athletic Club que com a iluminação da cidade.

Depois de uma interventoria do governo federal em 1946, quando assumiu o coronel Josias Ferreira Gomes, o acervo da Light & Power Co. Ltd., foi encampado em 1948 pela Prefeitura Municipal, na gestão de Acrísio Moreira da Rocha<sup>(7)</sup>. Para tanto, teve que desembolsar à companhia inglesa a vultosa quantia de quatro milhões de cruzeiros. Com o empréstimo de trinta milhões foi procedido o reaparelhamento da usina, que continuava fornecendo luz aos fortalezenses e lucros ao erário municipal. Até que em 1954 foi criado o Serviço de Luz e Força do Município de Fortaleza – SERVILUZ, instalado no mesmo prédio, em frente ao Passeio Público, já na gestão de Paulo Cabral de Araújo<sup>(8)</sup>.

Somente no dia 23 de março de 1955 inaugura-se a Usina Termoelétrica do Mucuripe. Logo um arruado foi se formando em torno das instalações, casas de operários que, junto aos casebres dos moradores já existentes, constituíram um núcleo habitacional que o povo chamou de Serviluz. Fato respaldado nos nomes das linhas de ônibus que ostentavam em suas bandeirolas indicativas. E por Serviluz a comunidade foi chamada durante muito tempo, mesmo com a transferência dos serviços para a Companhia Hidrelétrica de São Francisco – CHESF. Já sem os apitos aflitos das caldeiras, porém com os ruídos noturnos dos lupanares que infestam, ordinariamente, as zonas portuárias. Dizia-se até que a maioria dos bicos de luz das residências dali eram de cor vermelha.

Nova mudança. Em 1º de abril de 1962 instalou-se a CONEFOR, Companhia Nordeste de Eletrificação de Fortaleza, substituindo a antiga SERVILUZ. Mudaram-se siglas, logotipos, maquinarias e as velas das lâmpadas. O nome Serviluz, no entanto, sobreviveu a gerações e modernidades. E a Usina do Mucuripe passou à história como ícone cultural, símbolo das constantes oscilações da vida da cidade e seus moradores. Foi até mote de música carnavalesca, um frevo-canção de autoria de Irapuan Lima e Mário Filho, gravada em 1952 por outro locutor da Rádio Iracema, José Lisboa<sup>(9)</sup>, e lembrada nas edições do Carnaval da Saudade do Náutico Atlético Cearense. Em 1998, ficou a

cargo da orquestra de Paulo de Tarso e na voz de Calé Alencar. Confirmamos, então, essa preciosidade, *Falta de Luz*:

*Falta de luz é bom pra namorar,  
Mas, depois disto, nem é bom pensar;  
A usina lá do Mucuripe  
Todo mês tem gripe,  
Não quer mais funcionar...*

*Que jeito eles podem dar,  
Se a bichinha come tudo,  
Como até peixe do mar...  
Se, toda noite, esse escuro vem,  
Muita gente bem,  
Vai ter que se casar...*



## As velas do Mucuripe

Os casebres da orla, na sua maioria, eram construídos de taipa ou palha de coqueiro, antes dos espigões invadirem a área. Nas portas e janelas, mulheres e crianças despedindo-se de maridos e pais que saíam para pescar. Talvez para nunca mais voltar. As frágeis jangadas ajudavam a solidificar a premonição.

No horizonte, minúsculos triângulos brancos recortados no azul do céu. Em terra, velas arreadas faziam parte da paisagem do Mucuripe. Antes abundavam as embarcações construídas com toras de piúba, que cederam lugar às de tábua com fundo amplo, depósito de gelo para a conservação do pescado. Fotógrafos e pintores flagraram esse panorama para a posteridade. O cinema também. Afóra turistas e passantes munidos de câmeras, das famosas Kodak, tipo caixão às atuais digitais, e os versáteis celulares. Elas mudaram. As jangadas, muito pouco.

Estivemos, em 2004, no famoso festival de navegação de Brest, França<sup>(10)</sup>, quando nossos jangadeiros ali se apresentaram como convidados especiais, graças ao empenho do titular da Pirata Marinheiros, o luso-francês Júlio Trindade. A curiosidade era geral, consagrados navegadores boquiabertos ante aquele engenho simples, paus

amarrados com cordas, tecido da vela costurado à mão, desprovidos de bússolas ou quaisquer outros instrumentos, somente corpo e alma, a coragem e a cara. Fizeram sucesso com contínuas demonstrações e numa competição entre si, posto não haver concorrente similar em nenhuma delegação de outros países participantes. Para dar mais seriedade à regata, cada jangada trazia a bordo, além dos jangadeiros nativos, um navegador convidado. Todos estrangeiros, exceto o Comandante Gamboa do navio escola brasileiro Cisne Branco, por lá a passeio. E que, coincidentemente, foi o tripulante da jangada vencedora.

Nearco Araújo<sup>(11)</sup>, professor do Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, editou, em 1985, o álbum *Jangadas*, onde reúne uma “paciente e laboriosa documentação gráfica, recolhida ao longo dos anos”. O texto aborda desde o processo construtivo da embarcação de piúba, passando pela de tábuas com seus elementos (casco, banco de vela, bolina, espeque, banco de governo, calçadores e vela) com referências a cores e outros elementos concernentes. E as pranchas trazem, em preto & branco e em cores, jangadas vistas de proa e popa; detalhes, plantas baixas e perspectivas; implementos quais sejam fateixas, samburás, cabaças etc.

As velas do Mucuripe, quando não estão no mar ou no reparo, embelezam ambientes em telas ou miniaturas

em artesanato, algumas expostas em museus por aí afora. Como lá em Brest, na Bretanha. Quando do citado festival foi doada uma jangada que continua exposta nos jardins do Museu da Marinha, um antigo castelo poupado pelos bombardeios da Segunda Guerra Mundial onde, na ocasião, foram expostas fotografias de Chico Albuquerque<sup>(12)</sup> e desenhos deste escriba relativos ao tema.

## **Pedro, tu és pedra**

**N**a beira da praia, desde a Volta da Jurema (Meireles) até a Praia Mansa, ergueram-se casebres de porta e janela que ficaram intocados até meados do século vinte. Aí ocorreu a construção do porto e, em consequência, a aparição das inúmeras empresas que se transformariam com o passar dos anos em importante polo industrial. Em meio a esse casario, destacava-se uma capelinha, hoje restaurada, em honra a São Pedro, chamada pelos moradores de “igrejinha lá de baixo”. Pela razão de mais acima situar-se a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, famosa por suas quermesses e pela figura lendária do Padre Nilson. O vigário assumira a pequena paróquia em 1950, a qual abrangia comunidades do Farol Velho à Varjota.

Pois bem, ressaltava, em meio ao casario branco, a capelinha de São Pedro com sua cruz inclinada sobre o frontão do telhado, como se o lenho com que o Cristo subiu ao Calvário. Construída em 1852, aos poucos foi sendo estrangulada por casas comerciais, restaurantes, cabarês; havia até um boteco nos fundos cuja pedida mais corriqueira era cachaça com panelada. Passou por reforma em 1935 e foi cenário de documentário do cidadão Orson Welles<sup>(13)</sup> que, nas horas vagas, comia peixe no restaurante do Seu Júlio e tomava água de coco no negócio do Tomás Verçosa.

A pretexto de uma dívida com a União, por conta de tributos sonegados sobre o terreno onde foi construída, a capela estava com os dias contados, pois até o tombamento da área corria o risco de ser revisto e construções no entorno se multiplicavam. Lá dentro do altar, Pedro nada falava, apesar de ter sido o primeiro papa da Igreja Católica, portanto onipresente, onisciente e onipotente. No mínimo, infalível. Talvez estivesse mais ocupado com o mar, os peixes, jangadas e jangadeiros que com a própria casa.

O arruado de casinholas desapareceu. Edifícios, clubes, silos e o próprio porto expulsaram-no do mapa. Sobraram retratos amarelados, filmetes luscofuscados, quadros desbotados, discos arranhados. E os fantasmas de Mestre Jerônimo, Jacaré, Tatá e Mané Preto, tripulantes da jangada São Pedro na longa travessia Fortaleza – Rio de Janeiro.

Nem por isso as procissões em honra ao padroeiro no seu dia (29 de junho) deixaram de acontecer. Aliás, recrudesceram. Contando com a ajuda de outra capela na orla, a igreja de São Pedro na Praia de Iracema, erguida em 1934 por iniciativa de Mariinha Holanda. Esta com uma torre mais altaneira e situada na bifurcação da Rua dos Tabajaras com a Avenida Presidente Kennedy. A dita procissão segue sempre até a Catedral Metropolitana (Sé), no centro da cidade, voltando para o Mucuripe, onde encerram-se as manifestações de cunho religioso entre jangadeiros e o povo em geral. Depois tudo vira folia pagã.

## Navegantes embaixadores

Saiu da cabeça de Manoel Olímpio Meira, o pescador conhecido por Jacaré, cobrar de Getúlio Vargas<sup>(14)</sup> mais atenção aos pescadores cearenses. E assim se cumpriu o sonho. Juntou-se a outros companheiros da Colônia Z-1 (Praia de Iracema): Raimundo Correia Lima (Tatá), Manoel Pereira da Silva (Mané Preto) e Jerônimo André de Souza, este da Colônia Z-8, do Mucuripe. Era o mês de setembro de 1941 e o país estava sob o jugo ditatorial do Estado Novo.

A tripulação confiava no sucesso da travessia respaldada pelo reide de 1928, quando três jangadeiros (Bernardo Fernandes do Nascimento, José Izídio dos Santos e Joaquim Fernandes do Nascimento), a bordo do “7 de Setembro”, lograram chegar, sem maiores vexames, ao Belém do Grão Pará, onde foram recebidos com medalhas e aplausos no Teatro da Paz.

No fervor da legislação trabalhista conduzida pelo populismo de Vargas, nossos jangadeiros embarcaram com o matulão encalcado de reclamações e pleitos de amparo. Logo no dia seguinte às comemorações da Independência do Brasil, houve uma simbólica cerimônia, o batismo da jangada São Pedro, com a presença do interventor Menezes Pimentel<sup>(15)</sup>, cuja esposa, Dona Brígida, foi madrinha.

Falou-se dos perigos do mar, da coragem dos aventureiros e da intenção de entregar a embarcação a Dona Darcy Vargas, esposa de Getúlio. Aludiu-se, outrossim, ao heroísmo de Chico da Matilde, o Dragão do Mar<sup>(16)</sup>, sua luta pelo fechamento do porto ao tráfico de escravos, e a consequente libertação destes nos idos de 1884.

Os intrépidos jangadeiros saíram carregados de coragem e adjetivos, cobertos de epítetos como “lobos do mar” e “gigantes bronzeados do sol”. O certo é que partiram esses destemidos leões do mar tendo como bússola uma estrela em cada porto.

O Jangada Clube e outras entidades encetaram campanhas para garantir o sustento dos familiares e conseguiram autorização da Comissão da Marinha Mercante para o embarque. Nesse ínterim, houve muita badalação na imprensa, inclusive denúncia do Correio do Ceará no dia 10 de setembro, dando conta de que a Federação dos Pescadores do Ceará posicionara-se contra a louca aventura. De resto, louvações e até poemas e crônicas bem otimistas. Até o escritor José Lins do Rego enalteceu a bravura dos jangadeiros, que chegaram em paz ao Rio de Janeiro no dia 15 de novembro, depois de 61 dias de penosa viagem.

## Onde o porto de Fortaleza?

A cidade crescia e o transporte de cargas e passageiros se fazia, principalmente, através do oceano. E aumentavam, também, as dificuldades quanto a um lugar seguro para esse elo entre a terra e o mar. Era no Trapiche do Ellery que moças e rapazes da ruidosa Fortaleza do final do século XIX apreciavam o movimento dos navios ao largo. Tal plataforma ficava na Prainha, quase em frente à residência do inglês Henry Ellery (Senador Almino com Dragão do Mar) e tinha setecentos palmos de extensão por oitenta de largura. Precário porto de embarque e desembarque de tralhas e seres humanos. Tentou-se outro ancoradouro, defronte ao antigo Forte Shoonenboch<sup>(17)</sup>, construído pelo engenheiro inglês John Hawkshaw. Não deu certo, tudo voltou a ser como antes no quartel de Henry.

O recurso mais prático seria melhorar a operacionalidade do trapiche, o que se procedeu, inclusive com estudos do francês Pierre Berthot. Debalde. Muralha, plantação de grama, construção de quebra-mar, cais, molhe e demais arremedos. Outras cabeças pensantes: Pimenta Bueno, Paulo José de Oliveira, Ferreira Borges, Coimbra e Kilgelhoeter. Em vão.



A luz veio por parte do engenheiro cearense Zózimo Bráulio Barroso (1839 - 1920): a construção de um porto na enseada do Mucuripe. Bráulio e Hawkshaw defendiam o Mucuripe como o local ideal para viabilizar o ancoradouro, e foram bastante criticados por isso. Mormente pela Associação Comercial, que alegava a distância demasiada entre a enseada e o centro da cidade, onde florescia um promissor polo mercantil, com armazéns, prensas de algodão, repartições e edifícios destinados a casas de negócio.

No governo Campos Sales (1898-1902) foram iniciadas as obras da Ponte Metálica, que duraram de dezembro de 1902 a maio de 1906. Dois anos depois, nova pesquisa foi procedida, verificando-se que o Mucuripe ainda seria o abrigo perfeito para as navegações, todavia tudo ficou na estaca zero.

Veio a Primeira Guerra Mundial, e com ela os fracassos comerciais. O café despencou de preço, embora o algodão e a cera de carnaúba continuassem estáveis; crise que passou pelas longarinas da Ponte Metálica. Até que, no governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), a questão do porto de Fortaleza voltou às folhas, competindo com as notícias da seca que assolava o chão nordestino. Foi criada a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS<sup>(18)</sup> e aprovado o projeto de Lucas Bicalho, Inspetor Federal dos Rios e Canais para a reforma e ampliação do Viaduto

Moreira da Rocha, a Ponte Metálica, obra interrompida em diversas etapas.

Novo grito explode: o engenheiro Augusto Hor Meyel assumiu a Inspetoria de Portos no Ceará e sentenciou que “referida enseada oferece vantagens extraordinárias sobre qualquer outro lugar da costa cearense (...) ou teremos o novo porto na enseada do Mucuripe, ou nunca teremos um porto em Fortaleza”. Ideia que virou livro.

No entanto, as *démarches* continuaram atravessando os anos e os defensores da Ponte Metálica saíram vitoriosos. Com o aval do interventor Carneiro de Mendonça e do Ministro da Viação Juarez Távora<sup>(19)</sup>, o projeto de Miranda de Carvalho (melhoria na ponte) recebia o endosso governamental recheado com uma reserva de vinte mil contos de réis.

No dia 8 de abril de 1930, quando do embarque de autoridades no pacote Santos, do Lloyd Brasileiro, parte da ponte desabou. Justo no momento em que familiares do deputado Moreira da Rocha eram conduzidos a uma lancha por meio de um guindaste. Estava decretado o fim da Ponte Metálica.

## A saga dos jangadeiros

O que os pescadores cearenses iriam dizer, no Rio de Janeiro, ao Presidente, já estava exaustivamente ensaiado. Era o que a imprensa denominava de “Escândalos da Pesca”. A Federação dos Pescadores estaria dificultando a viagem dos jangadeiros para evitar que revelassem fatos desabonadores para a entidade; principalmente a exploração dos “operários do mar” pelos poderosos donos de jangadas e a complacência da entidade classista para com os intermediários.

Enquanto alguns cronistas abordavam o problema por este viés, outros desviavam o foco, mostrando que a viagem tinha um caráter meramente esportivo. Os jangadeiros, por sua vez, tinham dois obstáculos a enfrentar: os mistérios do mar em uma tosca embarcação, sem instrumentos adequados, juntando-se a isso a incerteza de serem ouvidos em suas pretensões. O jornalista Edmar Morel<sup>(20)</sup> grita do Rio de Janeiro denunciando a “meia” e os “atravessadores” e adverte sobre a existência dos “currais de pesca”, os quais, além de ser uma atividade proibida por lei, contribuíam para a formação de bancos de areia, dificultando a navegação.

Enfim, a chegada à capital e o encontro com Getúlio Vargas. Eram previstos oito dias de encontros com

a imprensa e a Avenida Rio Branco já estava engalanada para o cortejo triunfal. Espécie de comemoração à proclamação da República que naquele 15 de novembro completava cinquenta e dois anos. A jangada São Pedro chega ao final da tarde e toda a Baía da Guanabara estava abarrotada de curiosos. Acomodados em um caminhão, jangada e jangadeiros seguiram rumo ao Palácio Guanabara, onde foram recebidos pelo Presidente. Foi Jacaré o embaixador da comitiva que dialogou com Vargas num clima cordial e sincero. Um documento foi entregue e Sua Excelência garantiu que a classe seria amparada pela legislação trabalhista brasileira.

Três dias depois, o Presidente assinou decreto-lei incluindo os jangadeiros no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos – IAPM. Era o primeiro passo. Jacaré considerou o ato um presente do céu.

A jangada, como esperado, foi entregue à Dona Darcy Vargas, e seus tripulantes voltaram ao Ceará a bordo de um moderno avião da NAB – Navegação Aérea Brasileira, no dia 30 de novembro. Na chegada, houve sessão solene no Theatro José de Alencar<sup>(21)</sup> e uma missa celebrada por Dom Antônio de Almeida Lustosa<sup>(22)</sup>, em frente ao Jangada Clube. O prestígio dos pescadores ficou consolidado, a imprensa voltou a apoiá-los em denúncias e reivindicações e a história chegou aos ouvidos do diretor

de cinema americano Orson Welles através de artigo da revista *Diretrizes*, escrito pelo jornalista cearense Raimundo Magalhães Júnior<sup>(23)</sup>.

## A santinha da promessa

A igreja de baixo fora, enfim, interdita em 1932 por ordem de Dom Manoel da Silva Gomes<sup>(24)</sup>, o arcebispo metropolitano de Fortaleza. Construída sob orientação de Dona Luiza Machado Coelho como agradecimento a uma graça alcançada, o povo, em regime de mutirão, trabalhou no erguimento de uma outra, no alto, onde hoje é a Praça de Nossa Senhora da Saúde, olhando para o cemitério da Avenida da Abolição.

Ali ocorre, anualmente, o novenário em honra à padroeira, de 29 de agosto a 8 de setembro. Como nos velhos tempos: com quermesses, parque de diversões, coroação de rainhas dos partidos azul e encarnado. Tudo arrematado com um leilão repleto de prendas, cuja renda é revertida para as obras sociais da paróquia.

Há notícia de que o novenário teve seu início por volta de 1910 e a imagem da santa, a princípio, ficava na

residência da benemerita, Dona Maria Ribeiro, e que tenha havido desentendimentos, visto a antiga rixa nascida da divisão geográfica. A igreja de baixo pertenceria aos juremeiros (Volta da Jurema) e a de cima aos mucuripenses. Oficialmente podemos assinalar o ano de 1931, data do livro de assentamentos dos primeiros batizados celebrados pelo Monsenhor Antonio Tabosa Braga, respeitado prelado do clero cearense, quem, aliás, celebrou ali a primeira missa, e cujo nome batiza importante avenida da qual é extensão a dita Abolição do cemitério do Mucuripe. Em seguida, assumiu a paróquia o Monsenhor Luis Rocha, que hoje denomina colégio das Irmãs Josefinas, sito à Rua J. da Penha, na Aldeota.

Envolta em fantasia e folclore, consta que a primeira imagem de Nossa Senhora da Saúde foi trazida para a capela de baixo por uma ricaça sulista como ex-voto de um milagre: salvara-se da gripe espanhola que assolava o país durante a Primeira Guerra Mundial (1918-1919). A devoção primitiva era destinada a São Pedro, porém o povo adotou a madrinha e os dois intercessores de Deus mantiveram cordial convivência com os fiéis, que, na sua maioria, eram pobres pescadores que ali depositavam, além das fervorosas orações, “milagres” em forma de esculturas primitivas e garrafas com mensagens encontradas na beira da praia.

Além dos fiéis, no entorno da igreja abundavam os pescadores. Prostitutas e marginais chegavam a dormir

na calçada do pequeno templo, até que o Monsenhor Luis Rocha denunciou o abuso ao arcebispo, sugerindo a interdição da casa de Deus, chamada por ele de “Porta do Inferno”. E, assim, Nossa Senhora da Saúde subiu a duna e passou a habitar a igreja nova. São Pedro ficou confinado na capelinha fechada, ouvindo o murmúrio dos notívagos que vinham traçar uma arabaiana na Peixada do Alfredo, edificada onde era outrora a barraca do Tomás Verçosa.

## Na canção que os meninos vão cantando

**O**Mucuripe sempre foi fonte de inspiração para poetas e letristas da nossa música. Jangadeiros, mulheres da vida, pescadores, labirinteiras, estivadores; motes recorrentes que levaram o Ceará para o cenário nacional a partir do sul maravilha. Alguns registros ficaram em livros de pequenas tiragens, outros nos antigos discos de cera e mais recentemente as velas do Mucuripe ousaram galgar a telinha tangidas pelas ondas do rádio.

Há o registro bem conhecido do compositor maranhense, Luiz Assunção<sup>(25)</sup>, radicado em Fortaleza que, embora com leve referência ao logradouro, muito deu o que falar. O samba, que traz por título o primeiro verso, como era praxe no passado, conta da desventura amorosa de um certo Manuel, gerando um enorme sucesso na aldeia: “Vive Seu Mané chorando / com saudades da Maria / vive Seu Mané chorando / toda noite, todo dia”. Adiante, o trágico: “Numa festa em Mucuripe / a Maria foi dançar / arranjou um namorado / desta vez não quis voltar”.

O sambinha simples caiu na boca do povo. Foi sucesso nos bares, cantado nas festas e nos programas de auditório, que eram o ponto alto de nossa radiofonia. Tanto



sucesso fez que, em 1955, o Trio Nagô<sup>(26)</sup>, estabelecido de vez no Rio de Janeiro, colocou-o na pauta da gravadora. Com um porém: temerosos de que o nome Mucuripe soasse estranho, por ser desconhecido dos cariocas, usaram de um expediente que não agradou aos cearenses. A versão acariocada do Trio Nagô (Evaldo Gouveia, Epaminondas de Souza e Mário Alves, todos cearenses) ficou assim: “Numa festa lá na Lapa / a Maria foi sambar”. Arranhados os brios alencarinos.

Lá pelos anos de 1970, o *point* dos poetas e compositores era o restaurante O Anísio<sup>(27)</sup>, onde músicos, escritores discutiam o momento político do país e o fuzê doméstico e punham no papel experiências e temeridades. A música de protesto tomava espaço, formava ao lado da alienada Jovem Guarda, da consciente Bossa Nova e da inovadora Tropicália. O Pessoal do Ceará<sup>(28)</sup>, que não era um grupo organizado como se supunha, lutava buscando um lugar ao sol. E, através da TV Ceará<sup>(29)</sup>, chegou lá arimada na profecia do Augusto Pontes<sup>(30)</sup>, guru da geração (“As coisas vêm de lá, eu mesmo vou buscar”), através de um carneiro montado pelo cantor Ednardo, e tangido pelo entusiasmo do animador cultural Cláudio Pereira<sup>(31)</sup>. Mas foi na voz de Fagner, numa conturbada parceria com Belchior, que as velas do Mucuripe enfunaram com mais ousadia, desfraldaram com arroubo, ao sopro de um vento promissor. Mucuripe, o mote; Mucuripe, o título:

*As velas do Mucuripe  
Vão sair para pescar  
Vou levar as minhas mágoas  
Pras águas fundas do mar  
Hoje à noite, namorar  
Sem ter medo da saudade  
Sem vontade de casar  
Calça nova de riscado,  
Paletó de linho branco  
Que até o mês passado  
Lá no campo inda era flor  
Sob o meu chapéu quebrado  
O sorriso ingênuo e franco  
De um rapaz novo, encantado  
Com vinte anos de amor  
Aquela estrela é dela  
Vida, vento, vela, leva-me daqui.*

Na época, 1972, houve uma desavença entre os dois autores a ponto de o Bel cantar sua letra com outra música que não a de Fagner. Este, quando no Rio de Janeiro, residindo na casa de Elis Regina<sup>(32)</sup>, conheceu Ivan Lins, que fez o arranjo. E Mucuripe foi gravada a seu modo.

O Mucuripe ensinou, também, a Ednardo partir para o seu hino laudatório ao Ceará em forma de verde mar. Terral e Beira-Mar nos remetem a este espaço mítico que favorecia

a um “estado de guerra, onde a cada noitada percebíamos um toque divino”. Citaremos aqui dois trechos das letras dessas criações monumentais de Ednardo. *Terral*: “Eu venho das dunas brancas / Onde eu queria ficar (...) A Praia do Futuro / O farol velho e o novo / São os olhos do mar (...) Luzindo na madrugada / Abraços, corpos suados / Na praia falando amor”. E *Beira Mar*: “Na Beira Mar / Entre luzes que se escondem / só sorrisos me respondem / E eu me perco de você (...) Forte, praia, minha cidade / Só o meu grito prega aos quatro ventos / A verdade que eu não quero ver”.

No livro, outros poetas rememoram a Ponta do Mucuripe. Francisco Carvalho<sup>(33)</sup>, um deles. Em *Pastoral dos dias maduros* (1977) inclui *Mucuripe latitude amor*: “No Mucuripe um mar de alfanjes dorme (...) O obsoleto Farol lembra a pupila negra / De um Deus que se cansou de um fastio enorme (...) Mucuripe dos ventos movediços (...) Ao cais, mulheres vãs predicam seus feitiços!”.

Luciano Maia, poeta de Limoeiro do Norte, no País do Jaguaribe, comparece no *Sol de Espavento*: “Mucuripe / Rosto Hermoso / Onde está a tua namorada? (...) Rosto Hermoso, Mucuripe / Teu mar agora é saudade!”.

Artur Eduardo Benevides declamou em *Os fantasmas* seu amor pela decantada enseada: “E sois, ó Mucuripe, o samburá profundo / Cuja imagem com outras não confundo”.

Adriano Espínola, em seu livro *Beira-Sol* (1997), cultua a praia no poema *Mucuripe, peixe e paixão*, um martelo agalopado “feito um barco no mar da poesia”: “Eu canto o sol e o sal do Mucuripe / O sol salgado e o azul de Fortaleza / Eu canto o sal febril da natureza (...) Vou singrando, certo e ritmado (...) Onde pesco surpreso a cada dia”.

E Pires de Saboia chegou a publicar na famosa revista *O Cruzeiro*<sup>(34)</sup> o seu *Farol do Mucuripe*: “Numa torre de pedra, ao lado do oceano / Como pingo de luz queimando a noite fria / O farol a brilhar é grito sobrehumano (...) Farol / Aflita luz de esperança repleta / Que, em Mucuripe, aos pés das ondas bruxuleia”.

Lembrando, para arrematar, uma canção de Fausto Nilo (*Fortaleza*) sobre melodia de Raimundo Fagner: “Velas brancas do mar surgindo / Com as primeiras estrelas do céu (...) Se esta cidade é meu mundo / Mucuripe jamais foste meu / Me encolheu teu mistério profundo / Qual jangada que o tempo esqueceu”.

Muitos poetas ainda cantaram o Mucuripe: Antonio Sales, Otacílio Azevedo, Júlio Maciel, Rodrigues de Sampaio e outros. O mar sempre foi e será inesgotável cabedal. Melhor ainda quando tem jangadas e faróis.

## Na tela e na chapa

Se na música o Mucuripe teve seus inumeráveis menestréis, muita gente também, com carvão ou pincel, transpôs dunas e verdes mares ao plano das artes plásticas. O mais significativo deles, Raimundo Cela<sup>(35)</sup>. O menino das praias do Camocim espiou as coisas belas das “oropas” e voltou para retratar o homem do mar e seus trebelhos. Mais minucioso, impossível. Em seus estudos e nas composições definitivas fez um verdadeiro diário do jangadeiro. Idas e vindas, o ritual da navegação; indumentária e instrumental. Rostos ressequidos pelo sol inclemente coroados toda uma pesquisa pra concepção das personagens destes painéis sobre a vida dos pescadores. Exemplos disso são: *Observando o mar*, *Labirinteira do Mucuripe*, *A sesta do pescador*, *Rendeira cearense*, *Jangadeiros em palestra*, *Costurando a vela* e muitos outros.

Outros pintores, igualmente, tiveram o homem do mar como modelo: Afonso Lopes, Barrica, José Fernandes, Raimundo Campos, Aldemir Martins, Wambach, Floriano Teixeira e Estrigas, este último, com um mosaico sobre a chegada de Pinzón ao Mucuripe aplicado no edifício sede do Grupo J. Macedo, junto ao porto.

Nearco Araújo, quando ainda estudante de arquitetura, debruçou-se sobre a jangada qual pescador em sua faina. Foi a fundo, esmiuçou tudo, anotou, desenhou. Homem do inferno verde ficara encantado com a rústica embarcação. E trabalhou com afinco nesse estudo durante oito anos, dividindo o tempo com a família, o trabalho e a Universidade. Desta obstinação nasceu o livro *Jangadas*, que foi acolhido e editado pelo Banco do Nordeste com versões em inglês, francês e espanhol.

Chico Albuquerque, nascido em 1917, fazia de um tudo na arte da fotografia: retratos, cobertura de casamentos, aniversários, eventos públicos. Para sobreviver. Até que arribou para São Paulo. Lá fotografou a sociedade rica e os intelectuais: Guilherme de Almeida, Lígya Fagundes Teles, Hilda Hilst. Em 1948, entrou para a publicidade. De férias em Fortaleza (1952), apaixonou-se pelas jangadas e passa duas semanas no Mucuripe fotografando. Peças propostas e rejeitadas pela revista *Manchete*<sup>(36)</sup>. Mesmo assim as expôs no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Quando Orson Welles esteve em Fortaleza para fazer o lendário documentário, elegeu o fotógrafo da Aba Film *still* da produção e ele muito ganhou com isso. Anos mais tarde, Chico Albuquerque foi morar nos Estados Unidos e, de volta, fez mais fotos sobre jangadas e jangadeiros. Tem um livro editado e suas fotos participaram de uma exposição em Brest, França, em 2004, no Museu da Marinha daquela cidade.

Outros fotógrafos abordaram o assunto: Nelson Bezerra, Celso Oliveira, Tiago Santana, Cláudio Lima, este nascido à sombra das longarinas da Ponte Metálica.

Porém, a mais comovente representação artística sobre as velas do Mucuripe talvez sejam os quadros da pintora primitiva Mundinha. Ou melhor, Raimunda Alves de Souza, cearense, fortalezense do Mucuripe. Mundinha começou sua missão concebendo ingênuas paisagens dos arredores, a terra e sua gente. Desde pequena fazia labirintos e aos sete anos pediu à mãe um quadro para pintar. Ganhou o presente e satisfez a vontade. Na tela cheia de cores vivas havia pássaro, palmeira e muita água, era a margem de um rio (Maceió?). Depois ousou entrar no mar. Seu trabalho foi reconhecido, expôs no respeitado salão de Abril de 1985 e, logo depois, na Bienal de Piracicaba.

Mundinha fez curso com Jane Lane, aprimorou sua arte, mas a mestra aconselhou-a a correr solta. E continuou a retratar as velas do Mucuripe, “o trabalho das pessoas, as roupas, as comunidades dos pescadores, as jangadas com as velas abertas”.

Peixes e cores; homens e cães. Não nega as raízes. Nasceu em casa de chão batido coberta de palha, casas de pescador do Mucuripe. E conclui: “Tenho o meu passado que é popular e minha pintura representa isso”.

## Obras do porto: morosidade de jangada

Guardando as devidas proporções, o Farol do Mucuripe estaria para o Ceará como a Torre de Belém para Lisboa. Um monumento, um marco. Gustavo Barroso vai mais além: um símbolo heráldico. Como Torre Eiffel (Paris), Estátua da Liberdade (Nova Iorque), Cristo Redentor (Rio de Janeiro) Big Ben (Londres) e até as pirâmides do Egito. No futuro, os faróis (velho e novo) ficariam diminutos ante as enormes embarcações do porto que viria. E o luzeiro não passaria de referência histórica. Esquecido, mal cuidado. Enquanto o tempo elegeria outros locais de atração, ao sabor das mansas marés, trapiches e pontões, o projeto do porto do Mucuripe continuava ancorado nos birôs da burocracia e nos escaninhos das manobras políticas.

Uma visão do cotidiano no porto de Fortaleza foi descrita por Rodolfo Teóphilo<sup>(37)</sup> no livro *O Paroara*: “As embarcações andavam bem uns quinze minutos aos trambolhões trepadas nas cristas dos vagalhões (...) Os passageiros, todos sertanejos e bons nadadores, meteram o braço n’água e chegaram em terra primeiro (...) Os remadores aguentavam os botes que a maré forcejava para atirar sobre a praia”. Este, o panorama visto da ponte metálica, já condenada.



Enfim o Porto do Mucuripe à tona. Mais burocracia. Licitações, preços defasados, novos contratos. Por fim, o interventor Menezes Pimentel aprovou, pela segunda vez, o parecer da comissão licitatória, em março de 1937. Aplausos e críticas. De novo referências à distância do centro da cidade. Em junho foram iniciados os trabalhos: colunas de concreto, quebra-mar, enroscamentos, dragagem, aterro, calçamento etc. Tudo andando muito devagar. Qual jangada tocada no braço.

Somente no governo de Faustino de Albuquerque, iniciado em 1947, foram encerradas definitivamente as operações de embarque e desembarque na Ponte Metálica. Ações iniciadas no Mucuripe no dia seguinte, Natal deste mesmo ano.

Chega a guerra, vai-se a guerra, e o Mucuripe lá, tocando o barco. Entra José Linhares no governo federal e aprova o aprofundamento da enseada e o prolongamento do molhe.

Já estamos no governo João Goulart. O Ministro Virgílio Távora<sup>(38)</sup> (Viação e Obras Públicas) verifica que o Plano Portuário Nacional não contempla o Porto do Mucuripe. Reclama veementemente. Mucuripe foi incluído no PPN. PT, saudações.

O tempo passa e, lentamente, a paisagem do lugar vai modificando. No entorno, armazéns sendo construídos. E, conseqüentemente, casas para os trabalhadores. Vias de acesso interligavam os conglomerados humanos. De ferro, de pedra, de chão batido. Do centro para o Mucuripe. No próprio bairro, entre os pontos de maior concentração de gente. Gente chegando, gente saindo.

E os homens do mar tocando a vida. Mansa como a praia artificializada. Necessário acelerar as obras. Lá fora o mundo corria apressado. O Mucuripe teria que acompanhar a maratona. Portanto a chegada do Titã.

## **O esquecido Chermont**

**C**orria o ano da graça de 1932. Seca braba assolava o Ceará. Faltava alimento, água e remédio. E a fome obrigava os homens a mendigar. Solução de emergência: a contratação dos flagelados para as frentes de serviço. Era Ministro da Viação, José Américo de Almeida, o qual indicou o engenheiro paranaense Edgard de Souza Chermont para assumir a fiscalização do Porto do Mucuripe, cujas

obras estavam, mais uma vez, estagnadas. Seria da alçada de Chermont a construção da ferrovia Fortaleza – Mucuripe; o melhor aparelhamento da pedreira de Monguba<sup>(39)</sup> que abastecia a ferrovia, o cais e o serviço de defesa das praias; e a fixação das dunas. Chermont contratara 600 flagelados que, somados às famílias, representavam cerca de duas mil e quatrocentas bocas para comer. Resultado: salários atrasados, pouca produção, fome no bairro.

O nome do engenheiro ficou na memória do porto mais por seu trabalho, dedicação e correção. Seu zelo para com a aplicação das verbas destinadas às obras chegava a ser obsessiva. Foi esquecido pela população e pela história.

Entraves políticos atrasam as obras do Mucuripe. Esta, a manchete mais repetida pelos jornais ao longo dos anos. No entanto, em 1945, já se podia contar com 128 metros de cais a uma profundidade de oito metros, apesar dos problemas surgidos nas praias de Iracema e Formosa por conta da erosão. Foi necessário construir um enroscamento protetor ao longo da Praia de Iracema com pedras da Monguba. Três anos depois, o problema ainda persistia. A saída foi construir seis espigões entre as praias do Meireles e de Iracema. Em 1948, outra providência: uma draga para sanear o problema do assoreamento. A Paraíba chegou com vontade, porém trazia o casco avariado, permitindo a entrada de água até a casa de máquinas.

No início dos anos cinquenta, o Porto do Mucuripe ainda não passava de um grande atracadouro de navios de médio porte, não dispondo sequer de abrigo para cargas e passageiros. Só os botecos e lupanares proliferavam na periferia.

## **A noite das meninas alegres**

**A**s chamadas “pensões alegres” abundavam no centro da cidade. Guarani, Fascinação, Bar da Alegria, Império, Hollywood, América, Monte Carlo, City, Graça, Ubirajara, Estrela, Olímpia, Amélia Campos, Cristalina e Zé Tatá. Com um discreto charme, *glamour*, uísque barato e música ao vivo. Lazer de classe média. Os ricos frequentavam as inacessíveis Leila, Margô, Santa, Gaguinha, Natália e outras boates chiques mais afastadas, onde estacionavam até cadilague chapa branca. A raia miúda ia para o Curral das Éguas, a conhecida Cinza<sup>(40)</sup>, encravada no Arraial Moura Brasil, além dos trilhos da Rede de Viação Cearense - RVC, ganhando o rumo do mar.

Ao fim da década de 1950 foi eleito prefeito da capital cearense o general Cordeiro Neto<sup>(41)</sup>, o homem da lata. Intolerante, quando Chefe de Polícia, quanto aos antros de prostituição na zona urbana. Proibia bebida alcoólica nestes

ambientes após as sete da noite, como também a execução de orquestras. Tais medidas esvaziavam as casas noturnas, algumas fecharam as portas e as meninas alegres foram buscar guarida na zona suburbana, a maioria optando pelas imediações do Farol do Mucuripe. Farol, então, como Curral, passou a ser sinônimo de um grande puteiro. Competindo com Verdes Mares<sup>(42)</sup>, no alto da duna, nome advindo da permanência ali de uma emissora de rádio com esse nome.

As alienígenas vieram se misturar às nativas em pacífica convivência. Afinal, elas já eram donas do pedaço e, por extensão, da marujada. E dos seus intrépidos jangadeiros, trocados muitas vezes, por força da ausência prolongada, pelos encantos, galanteios e mimos dolarizados da estrangeirada. Era o tempo em que as mulheres eram produtos vendáveis como artigos de feira e, paradoxalmente, tão livres como os peixes do mar.

Aliás, as meninas já tinham o costume de vir pro Mucuripe, pelo menos para a orla, nos finais de noite. Com eventuais companheiros, embarcavam num carro de praça a fim de saborear peixe e continuar a farra nos rústicos restaurantes da Rua da Frente, olhando para a imensidão do mar, destilando elegância e traquejo ante os embasbacados pe(s)cadores e as humildes mulheres da vida que ali sentavam praça. Estas, conhecendo seu lugar, ficavam, na verdade, restritas às imediações do velho Farol. A orla estava ficando chique.

Paralelos à igreja de São Pedro foram sendo abertos os restaurantes praiheiros. Os primeiros: Gruta do Mar, Júlio, Tomás Verçosa e Marajó da Dona Maria Laura. Este, bastante frequentado pelos radialistas de então, os galãs do momento: João Ramos, Augusto Borges, Neide Maia, Wilson Machado, Guilherme Neto, Luiz Assunção e até o proprietário da PRE-9<sup>(43)</sup>, João Dummar. Geralmente acompanhados de astros famosos, como Sílvio Caldas, Ademilde Fonseca e Orlando Silva.

Depois chegaram as peixadas do Alfredo, Expedito e Do Meio, estrangulando a capelinha do santo pescador. O cheiro continuou o mesmo. Naquele tempo, a figura emblemática do arraial do Mucuripe era, sem dúvida, Dona Maria Laura. Disposta, alegre, trabalhadora, respeitada. E, principalmente, mucuripense de quatro costados. O Mucuripe era a referência da sua vida. Prova, um fato contado por Blanchard Girão<sup>(44)</sup> em seu livro “*Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson*”, o qual repetiremos na íntegra:

“Dona Maria Laura associa o dia da vitória dos aliados na II Grande Guerra a um fato acontecido no Mucuripe. Era maio de 1945, o povo nas ruas festejava o fim da Guerra, com a derrota de Hitler. De repente – conta ela – houve um estrondo grande. E um fogaréu iluminou o céu da baía. Era como se fossem balões. A gente não entendia o que estava acontecendo. Mas logo se pode saber

que um barco carregado de latas de querosene explodira. Com o fogo, as latas com o combustível subiam bem alto, indo cair até juntinho das casas, na Rua da Frente. Outras – a maior parte – caíam no mar, graças a Deus. Algumas na areia da praia. Foi uma comemoração diferente, o fim da Guerra no Mucuripe. Os pescadores jogavam areia nas latas que queimavam ajudando a apagar o incêndio. Nunca me esqueci desse dia”.

## O decálogo dos jangadeiros

A discussão é eterna, alastra-se como rede de arrastão: melhorou ou não a situação do pescador? Pra quem morava em mocambo, comia peixe uma vez por dia e dormia de rede, o quadro parecia ter mudado: casa de tijolo e telha, geladeira e televisor, alimento do bom e do melhor, colchão de espuma e carro na porta. Doce ilusão. Todo esse conforto veio nas águas do crediário. E tome juro.

Essa situação adversa veio, como que, por herança, desde há muito os jangadeiros e pescadores se acomodaram com o *status quo*. O primeiro grito foi dado pelos heróis que foram expor a crueza da vida jangadeira ao Presidente Vargas. Em documento datado de 1933, sintetizavam a conjuntura nesta “Carta de Fortaleza”, constante de dez questões, a seguir: 1- Grande parte das famílias dos pescadores passa fome e vive hoje na miséria; 2- A maioria dos pescadores não ganha o salário-mínimo e os armadores de pesca não assinam suas carteiras de trabalho; 3- Na maior parte, os jangadeiros são, desse modo, considerados desempregados, de acordo com a lei; 4- Os que trabalham para empresas e armadores particulares não gozam dos direitos sociais, a exemplo do FGTS; 5- É desumana a expulsão dos jangadeiros e suas famílias da orla marítima por parte dos



especuladores imobiliários; 6- É grave a situação dos jangadeiros de Fortaleza: a maioria não tem mais terra ou teto pra morar; 7- A pesca predatória, a poluição e os arrastões dos barcos camaroneiros estão acabando com algumas espécies de peixe, matando as fêmeas ovadas e os filhotes de peixes e lagostas são atirados fora, num acinte às famílias dos pescadores que estão passando fome; não há fiscalização do Ibama para coibir esses abusos; 8- É alarmante o índice de acidentes por mergulho e nas embarcações pela ausência de um melhor policiamento por parte da Capitania dos Portos; 9- Não há um programa de governo protegendo os pescadores artesanais da ação desigual dos atravessadores, que enriquecem à custa do trabalho dos homens do mar e; 10- Centenas de velhos pescadores, acometidos de doenças da coluna, cegueira, reumatismo e outros males, estão sem direito à aposentadoria por terem sido excluídos da Constituição Federal e da Lei da Previdência Social.

A pobreza continua. O pescador da jangada artesanal enfrenta a concorrência das embarcações a motor, que pertencem a empresários, trazendo toneladas de pescado. Não houve evolução no sistema da pesca. Não há capital para o custeio do próprio barco e o produto rateado mal dá para comer.

## Titã e Tita: gigantes das águas

**T**udo grandioso, a partir da simbologia e do nome do capitão do vapor Itapoan, Nabucodonosor Ferreira, que transportava, desmontado, pesando 180 toneladas, o esperado guindaste Titã, de procedência inglesa. O desembarque do gigante de aço demorou uma quinzena, mais de cinquenta peças foram recolhidas, incluindo uma caldeira a vapor. E lenta, também, foi sua montagem.

Enfim, já nos trilhos, passou a operar despejando diariamente toneladas de pedras da Monguba para a construção do dique de proteção da enseada. Tal quebra-mar de dois mil metros garante até hoje a tranquilidade das águas na bacia, facilitando o movimento dos navios. Depois veio o molhe de mil metros. E o Titã dando conta do recado.

Começando a operar em meados de 1939, este enorme equipamento fez parte da paisagem mucuripense durante dez anos até que, em 1962, foi transformado em sucata. Poderia ter sido um símbolo, mais moderno até do que o velho farol, como assim sonhava Gustavo Barroso.

Logo no início das operações, em junho de 1940, um acidente: ao descarregar um vagão lotado com 50 toneladas de pedra, teve suas correntes quebradas, jogando

parte do dinossauro no mar. Saíram feridos, na ocasião, dez operários, um deles vindo a falecer horas depois. Dez meses se passaram na recuperação e em janeiro de 1941, recolocado na Ponta do Mucuripe, o Titã recebeu a benção em cerimônia oficializada pelo Cônego Joaquim Rosa. O impasse fez com que o processo da obra atrasasse. Junte-se ao fato a eclosão da II Guerra Mundial. O Titã virou então um gigante adormecido.

Doze anos depois do acidente do guindaste, novas pedras foram colocadas ao longo da Praia de Iracema. Foi quando procedeu a recuperação do Titã, deslocado para as proximidades do Farol Velho.

À direita, a praia do Titanzinho, paraíso dos surfistas. Esporte no qual se destaca a nativa do Mucuripe, significativamente chamada de Tita Tavares. Tita, que é por graça Maria das Graças Tavares Brito Filha, nasceu em uma família de pescadores e começou a surfar com cinco anos de idade, enfrentando as ondas do Serviluz. Ganhou a primeira prancha aos sete. Um metro e meio de muita garra e vontade de vencer. O que tem acontecido. Foi campeã mundial amadora na Venezuela, em 1993 (com 18 anos), e vice no ano seguinte. Profissionalizou-se a seguir e foi a primeira mulher a tirar nota dez no feminino do Campeonato Mundial de Surf de 1996. Campeã por quatro vezes seguidas no Super Surfe, atualmente ocupa a 75ª posição no *ranking* mundial.

O desempenho de Tita Tavares impressionou as adversárias mais experientes, dando-lhe mais força para enfrentar cobranças. Tem plena consciência de assustar as concorrentes ao praticar manobras radicais em altas ondas. Com a mesma garra de outra campeã do Mucuripe, Tatá (Otacília Verçosa), vencedora da Prova Heróica de Nataçã<sup>(45)</sup> no final dos anos 1940, competição náutica que tinha seu percurso entre a Praia do Náutico e a Ponte Metálica.

Tita Tavares, gigante tal o guindaste Titã. Emblemas do Mucuripe.

## Cidadão Orson Welles

**A** travessia da jangada São Pedro, dos verdes mares bravios até a corte, repercutiu no planeta. Na América, o cineasta Orson Welles, que já havia espantado o mundo com sua façanha radiofônica inusitada, *A Guerra dos Mundos* do outro Welles, o H. G.<sup>(46)</sup>, incluiu em seus planos um documentário sobre os audazes argonautas. Isto, em 1942, em plena Grande Guerra.

Havia, claro, interesse do governo norte-americano para com a realização desse filme. O Estado Novo posicionara-se, sem o devido entusiasmo, a favor dos aliados

que tencionavam instalar bases militares no Nordeste brasileiro, tentando, assim, estreitar as relações com o governo Vargas. O Pentágono havia criado um birô latino-americano, o qual foi entregue ao magnata Nelson Rockefeller, proprietário da empresa cinematográfica RKO, produtora do *Cidadão Kane*, de Welles.

Na troca de apoios culturais, a tal política da boa vizinhança produziria filmes enaltecendo o Brasil ante o público norte-americano. Orson Welles foi designado para realizar a película sobre a realidade nacional, especificamente sobre o carnaval carioca e a saga dos quatro jangadeiros cearenses que levaram reivindicações trabalhistas ao Governo Federal. O cineasta desembarcou no Ceará a 8 de maio de 1942 proposto a realizar a saga dos pescadores.

Por sorte Welles encontrou de cara, no Mucuripe, uma pessoa que falava fluentemente o francês, Dona Aída Amora. Assim ela foi o elo entre ele, a secretária e o povo do bairro. Dona Aída incorporou a produção, arregimentou extras, pagou cachês, fez locações. Tudo correu sobre os carretéis, o povão aplaudindo a equipe com sua parafernália, sem desprezar a molecagem cearense. É que fazia uma turnê pela cidade o afamado Circo Garcia, o qual trazia na trupe uma elefanta de nome Rany. Apelido que, de imediato, ganhou a desengonçada e albardeira secretária. Já Welles, simpático e bonachão, era

tratado pelos pescadores como “Galegão legal”, “Menino Chorão” ou “Arabaiana”.

No dia 12 seguiram, de avião, para o Rio de Janeiro. Welles, equipe e os jangadeiros Jerônimo, Tatá, Manoel Preto e Jacaré, este, líder da colônia de pescadores da Praia de Iracema, que aproveitou o ensejo para reativar contatos com sindicalistas e entidades da classe. O plano de Welles era reconstruir a aventura e começar pelo final já que a jangada original estava no Rio. Aliás, em pleno carnaval. Empolgado, o diretor caprichou nas tomadas com os navegantes, contrariando as diretrizes da RKO, que pressionava o diretor por estar mostrando muito negro e favela quando eles queriam pintar a miséria com cores mais românticas. Dois fiascos. Pediram que encerrassem as filmagens e, ainda por cima, Jacaré sofreu um acidente vindo a falecer na Barra da Tijuca, com 39 anos incompletos. *It's All True* (É tudo verdade) não chegou a ser concluído. O material jamais foi utilizado por Welles. E do copião aproveitaram alguns trechos para um curta e um longa-metragem.

Curioso, outros filmes abordando jangadeiros foram realizados e tiveram o mesmo destino: o fracasso: *Aitaré da praia* (Recife); *Jangada*, de Raúl Roulien; *Canto do Mar*, de Alberto Cavalcante. Até Marcel Camus tentou quebrar o tabu, em vão. O certo é que o filme do cidadão Orson no Ceará ficou na história e no folclore. Com uma

tirada de americano para brasileiro ouvir: “Não vamos gastar dinheiro com imagens de negro pulando!”.

## Caymmi e Villa-Lobos

No mesmo ano da estada de Orson Welles, por aqui esteve, também envolvido com cinema, outra personalidade do mundo das artes e espetáculos. *Made in Brazil* e chegada aos mistérios do mar: o mulato baiano, cantor e compositor, Dorival Caymmi<sup>(47)</sup>. O artista veio para participar de um curta-metragem que narrava a triste aventura de um jangadeiro que, um dia, não voltaria do mar.

Desta vez, a filha de Dona Aída Amora, Zaida, foi quem participou da aventura. Tinha 19 anos e foi escolhida para contracenar com o moço por ser o tipo ideal da morena praieira de quem estavam à procura. O filme, *A jangada voltou só*, constituído mais de imagens e música que de palavras, tinha locações no Mucuripe e uma cena de beijo, que foi cortada a pedido da “atriz”, que com o ato consumado temia perder o namorado. Ela assegurou que nunca viu o filme depois de realizado, mas teve notícia de que se saiu muito fiel.

Caymmy teria vindo, também, a Fortaleza para participar da festa de inauguração dos transmissores de ondas curtas da Ceará Rádio Clube, a PRE-9. O filme realizado era como se fosse a ilustração de sua música. E ficou perdido por aí. Sabendo disso, o jornalista Blanchard Girão, anos depois, caiu em campo à procura de tão interessante documento. Consultas ao museólogo Miguel Ângelo Nirez<sup>(48)</sup>, Aba Film, e nada. Dona Zaira Amora, no entanto, assegurava que, na verdade, o filme fora realizado. Depois de tentativas e já desiludido, Blanchard recebe telefonema do Nirez dando boas notícias. O cinegrafista Rui Santos, do Departamento de Imprensa e Propaganda, o temido DIP getuliano, havia vindo ao Ceará em fins de 1941 no intuito de realizar um dos documentários programados sobre as praias brasileiras, dentro de um esquema de divulgação de nossas belezas naturais. A fita certamente extraviou-se após a deposição de Getúlio.

Outros pés famosos deixaram rastro nas areias do Mucuripe. Os do gênio da música erudita brasileira, Heitor Villa-Lobos<sup>(49)</sup>. Na juventude, deixara a casa paterna, percorrendo este Brasil com o objetivo de pesquisar a natureza e dela pinçar sons autênticos para sua formidável obra musical. Segundo o escritor maranhense José Louzeiro, o músico apaixonou-se pela praia e a gente simples do Mucuripe, com ela conviveu intensamente, em tudo achando motivo para sua arte, até no som do baque dos cajus



despencados de seus galhos. Dizem os mais ufanistas que estes sons esdrúxulos podem ser captados na peça *Trenzinho caipira*. Um consolo: o Mucuripe, por aqueles idos, garantem, era uma imensa floresta de cajueiros.

## O lendário padre Nilson

Quando o prefeito Cordeiro Neto (1959/1963) decidiu que as prostitutas da Rua da Frente saíssem do local que seria urbanizado, dando lugar à Avenida Beira Mar, de pronto a comunidade se reuniu para melhor analisar a situação e por um final humanitário no caso. A rua, então, era um furdunço só. Durante o dia, jangadeiros cruzavam com estivadores, embarcações, moradores das imediações e forasteiros que acorriam em busca dos restaurantes acanhados que, no entanto, serviam deliciosa comida. À noite, uma quermesse, um grande bordel. Uma festa constante recheada de brigas e escaramuças comuns em tais antros de beira de cais. Familiares conviviam com a situação, mas esta estava chegando a um limite intolerável.

Foi o Padre José Nilson de Oliveira Lima<sup>(50)</sup> quem orientou os moradores a se transferir para as cercanias do Farol Velho, onde estavam sendo providenciadas acomodações

com relativo conforto. Além de luz, água e transporte coletivo, as prostitutas se estabeleceriam no entorno do histórico luzeiro e as famílias residiriam mais além, em local mais tarde denominado por Vicente Pinzón. Cerca de mil e trezentas mulheres da vida fizeram esta baldeação e ali sacramentaram a famigerada Zona do Farol.

“É preciso ver a situação das meninas”, esta era a preocupação do vigário, zeloso por suas ovelhas, mesmo que desgarradas do aprisco. Foi com essa opção pelos pobres e desvalidos que o Padre Nilson assumiu os destinos da paróquia do Mucuripe na aurora do ano de 1950. “Uma paróquia difícil, abandonada” no dizer do arcebispo Dom Lustosa, aldeia de jangadeiros formada por miseráveis palhoças e um povo distante da casa de Deus. Abrangia o Farol, Castelo Encantado, Santa Terezinha, Morro do Teixeira, Vila dos Estivadores e se estendia até Verdes Mares e Varjota. Um desafio e tanto. O Mucuripe era uma comunidade extremamente pobre, carente de cuidados primordiais, adultos vivenciando um desregramento pernicioso e crianças crescendo em um ambiente nada recomendável. Padre Nilson aceitou o desafio sabendo que sairia vencedor. Meio século do mais profícuo apostolado quando se irmanou com seu rebanho e dele se tornou líder e pai. Conhecia de perto as prementes necessidades de seus fiéis, tanto do ponto de vista espiritual como material. De início, criou a Associação da Juventude Católica do Mucuripe, encaminhando menores

pobres para um destino mais digno. Incentivou a construção de cemitério, colégio, estádio e a restauração da igreja de cima. Para tanto, contando do apoio da comunidade e de políticos como o deputado Adail Barreto Cavalcante<sup>(51)</sup> e o vereador Alberto Queiroz<sup>(52)</sup>. E as célebres quermesses que angariavam fundos para tais empreendimentos.

Por conta de sua postura humanitária, inerente a um ministro de Cristo, Padre José Nilson sofreu perseguições por parte da ditadura militar, talvez por ser ligado aos citados políticos de esquerda. A comissão investigadora alegava ser apenas inspeção da aplicação das verbas federais no colégio da paróquia.

Padre Nilson era um pescador de fato e de direito. Seu registro na Colônia Z-8, não era mera homenagem, costumava pescar na foz do rio Pacoti<sup>(53)</sup>, na praia da Cofeco, uma doce aventura para reanimar as forças depois do exaustivo trabalho como pescador de almas. Dirigia seu rebanho tanto do púlpito quanto diretamente nas ruas. Da maneira mais humanitária, mais desbragada, como um deus que não ditava normas das nuvens e sim arrastando as sandálias no rés do chão. Entraram para o folclore seus práticos ensinamentos com o fito de conter os desatinos dos fiéis durante o tradicional novenário em honra a Nossa Senhora da Saúde. Consta que após interminável sermão, arrematara-o com graça e malícia para novamente deixar

mais leves os corações depois de tantos puxões de orelha: “Fica proibido namorar no pé do muro e pronunciar os ditados: Ai da Base!, Ande, Tonha! e Chega peida!”<sup>(54)</sup>.

Talvez com isso quisesse falar a linguagem do seu povo, que não entendia do canônico latinório convencional. Afinal, o Mucuripe era uma aldeia de pescadores semianalfabetos. Padre Nilson comunicava-se com seus jangadeiros como fazia, lá pelo ano de 1940, o Padre Francisco Hélio Campos<sup>(55)</sup>, então vigário da difícil paróquia, que do Mucuripe foi pregar a paz, a vida e o amor no Pirambu<sup>(56)</sup>, outra comunidade onde o homem tentava fazer o mesmo milagre com os peixes como o Cristo o conseguira ante os pescadores da Galileia.

## Nem tudo é verdade

**O**Mucuripe ainda cheira a peixe. O fantasma de Jacaré voltou a sentir o doce aroma da maresia. Em videotapes e revistas super coloridas, rememorando a tragédia sépia. Na fita de Sganzerla, onde, por pouco, os heróis reprisaram a aventura. E Jacaré estava ali. Não naufragou na Barra da Tijuca; não foi sequestrado pelos gringos; não foi assassinado pela ditadura Vargas.

Jacaré passeava ou arrumava os apetrechos das jangadas de todos os irmãos: Urano, Flecha, Santa Tereziinha, Rouxinol, Nem Sei, Flor do Mar, São Pedro, Dragão do Mar, Caça Minas, São Jorge, Babilônia, Liberdade, Iemanjá... batismos na proa como carranca do Velho Chico para afugentar espíritos maléficos que se escondem em cada esquina do maroceano.

No Serviluz, o Mucuripe fede a esgoto. O projeto de requalificação do bairro tem execução tão demorada como a do porto. Os mesmos entraves da burocracia. Nenhum esforço titânico é capaz de mudar o cenário, ai da base! Ruas intransitáveis, esgotos a céu aberto, restos de ferro e concreto pavimentam as areias das ruelas.

Ponta Mar, Esperantina, Santo Amaro, Preamar, Titã, Santo Antônio, Rua do Rastro, Dioguinho, São Gerardo, São Raimundo, Conefor, São Crisóstomo, São Francisco, Várzea Nova, Guaraci, São Sebastião, São Pedro, São José, Estrela do Mar, Cavalinho, ruazinhas pululantes de moleques, peixeiros, vendedores ambulantes, meninos armados de pranchas de madeira descendo as pontes movediças do Castelo Encantado para surfar na praia mansa do Titanzinho, que por pouco não virou estaleiro. Berço de Tita Tavares, Juliana, João Carlos e outras feras.

Pescadores, como camurupins, vieram das bandas do Acaraú e aqui fincaram raízes. Juntaram-se aos nativos, redobraram os trabalhos. Navegam, pescam, comem, vendem... sobrevivem. Dividem a fartura e a miséria. E comemoram vitórias e choram derrotas nas quermesses da pracinha da Saúde na boca da Rua da Paz, enquanto os Fura-Moitas não chegam para estragar a festa arrotando cachaça e lagosta desde a guerra do De Gaulle<sup>(57)</sup>.

Pescadores que, por uma ou outra razão, abandonam o mar e continuam vivendo dele. Vendendo o produto do trabalho extenuante; cru, cozido, frito: Osmar, Barrica, Zé Nilson, muitos. Especialistas em camarão. Festivos. Criaram até clubes sociais e esportivos. Primeiro o Terra e Mar, que tinha time de futebol disputando na segunda divisão, tricampeão na década de 1960. Depois veio o Acrem.

Conhecido nos quatro cantos pelas ondas do rádio. A começar por Cirênio Cordeiro, filho de pescador. Outros vieram: Wilson Machado, Ulisses Silva, Newton Sales, Ivan Prudêncio, Paulo Limaverde. Mucuripenses por adoção. Batizados pelo Padre Nilson, crismados por Iemanjá<sup>(58)</sup>.

Mucuripe cheira a cachaça. Bares, botecos, birosacas. De primeiro, na Rua da Frente, que virou Beira Mar com o Bem, o Mal, o Baiúka do Sibá<sup>(59)</sup> e as expeditas peixadas alfredianas. E lá nos confins, o Chez Pierre<sup>(60)</sup>, colunável e alcoviteiro. No embalo, Rincão de Iracema, Riso da Noite, Estrela do Mar, Roque Santeiro, Gordo e Magro e a frequentada esquina do Zé Maria do Badé. Na entrada da dita Rua da Paz. Onde Djalma Cruz, o velho marinheiro, mantinha em terra oficina de serigrafia e botequim particular. De onde se ouvia o sino da igreja que era a voz do Padre José Nilson campeando suas ovelhas para a homilia esbreguenta e esculacheira, a fim de tirar as almas do fundo do poço, como assim fazia a draga com o entulho marítimo, e ancorá-las em porto seguro tal a força divina, braços tão hercúleos quanto os vergalhões do legendário Titã.

## Notas explicativas

1 - Martim Soares Moreno, navegador açoriano, chegou ao Ceará em janeiro de 1612, com seis soldados e um padre, e construiu um forte. Divide com Matias Beck a honra da fundação da cidade de Fortaleza. Seu mérito maior foi ter entrado no romance de José de Alencar, *Iracema*, onde se enamora da musa, engravidada, gerando daí Moacir, o filho da dor.

2 - Um dos mais conceituados escultores cearenses, Zenon Barreto, foi um dos fundadores da Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP. É autor dos monumentos em homenagem à Bárbara de Alencar e Iracema. Batizou com “Padaria Espiritual” o bar de Monsieur Vincent, na 25 de março, *point* de intelectuais boêmios.

3 - Um dos maiores romancistas brasileiros, criou o segmento indianista e escreveu *Iracema*, *Ubirajara* e *Guarani*, abordando a temática. Nascido em Messejana, morreu no Rio de Janeiro em 1877, com 48 anos de idade. É nome de praça e teatro e a casa onde nasceu é espaço cultural tombado pelo Patrimônio.

4 - Corbiniano Lins, escultor nascido em Pernambuco, é autor de pelo menos três monumentos públicos em nossa capital: *Rendeira*, no Banco do Brasil da Praça do Carmo; *Vaqueiro*, na praça do Aeroporto Pinto Martins e *Iracema*, na Volta da Jurema. Essas peças foram esculpidas em concreto.

5 - Um dos maiores quadros do integralismo, Gustavo Adolfo Luis Guilherme Dodt da Cunha Barroso, foi notável historiador e memorialista. Membro da



Academia Brasileira de Letras e coautor do Hino de Fortaleza. Morreu no dia 13 de dezembro de 1959, com 71 anos.

6 - Oscar Jataí Pedreira, empresário pioneiro no ramo dos transportes coletivos (ônibus a motor de explosão), cujas conhecidas linhas situavam-se no Jacarecanga, onde morava. Faleceu com 81 anos, em dezembro de 1977. Era pai do radialista Almir Pedreira.

7 - Interventor Federal, Prefeito Municipal, Acrísio Moreira da Rocha vem de uma família de políticos e administradores. Extremamente popular, ficaram famosos seus comícios, onde chegava utilizando uma carroça.

8 - Pioneiro na transmissão radiofônica de um jogo de futebol, Paulo Cabral de Araújo foi Prefeito Municipal de Fortaleza de 1951 a 1955. Dono de belíssima voz, excelente orador. Dirigiu os Diários Associados de Minas Gerais até o fim da vida. Recebeu o troféu Sereia de Ouro em 1986.

9 - Irapuan Lima, Mário Filho e José Lisboa eram populares locutores da Rádio Iracema de Fortaleza, que funcionava no Edifício Íbis, na Praça José de Alencar. Irapuan foi Rei Momo e teve programas de auditório em diversas televisões da cidade. Empresariava cantores da MPB.

10 - No Norte da França, na região da Bretanha, ocorre de quatro em quatro anos este festival marítimo com participação de navegadores de todo o mundo. Neste ano, o Brasil esteve presente com os jangadeiros do Ceará. E mais: fotografias de Chico Albuquerque, Tiago Santana e Celso Oliveira; desenhos de Audifax Rios; música com a Banda Pirata e convidados; moda, literatura, tudo com a cobertura jornalística de Moacir Maia para o Diário do Nordeste. Organização de Júlio Pirata, Didier Kelly e Rodolphe Trindade.

11 - Amazonense de origem, Nearco Barroso Guedes de Araújo chegou a Fortaleza na década de 1950, formando-se em arquitetura pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Premiado pintor, já expôs seus trabalhos no Brasil, França, Alemanha e Holanda. É autor do precioso documentário gráfico *Jangadas*, editado pelo Banco do Nordeste do Brasil em 1985.

12 - Nascido em Fortaleza em 1917, Chico Albuquerque arribou cedo para São Paulo, onde se revelou retratista de personalidades do mundo artístico. Em 1948, ingressou na propaganda enquanto fotografava com sua *Laika* as jangadas do Mucuripe, quando foi contratado por Orson Welles. Trabalhou por muitos anos nos Estados Unidos, em publicidade.

13 - George Orson Welles, ator, diretor e produtor de cinema norte-americano, assombrou o planeta com a adaptação para o rádio da novela *A Guerra dos Mundos*. Tão convincente que causou pânico em Nova Iorque, levando uma pessoa ao suicídio. Em 1941, fez *Cidadão Kane*, considerado sua obra-prima. Dirigiu ainda *Soberba*, *A Dama de Xangai*, *Macbeth*, *A Marca da Maldade* e *Falstaff*. Fundou o Mercury Theater (NY) para encenar Shakespeare.

14 - Gaúcho de São Borja, Getúlio Dorneles Vargas foi deputado estadual e federal (RS), governador, Ministro da Fazenda e Presidente da República. Criou o Ministério do Trabalho, enfrentou a Revolução Constitucionalista, instituiu o Estado Novo e foi derrotado em 1945. Em 1950 foi eleito novamente, criou a Petrobras e suicidou-se em 24 de agosto de 1954. Está sendo biografado pelo jornalista Lira Neto.

15 - Professor, fundador do Instituto São Luiz, Francisco de Menezes Pimentel assumiu o governo do Estado do Ceará em 1935 e, dois anos depois, com a

instituição do Estado Novo, foi mantido no cargo como Interventor. Faleceu no Rio (Guanabara) com 86 anos de idade, no dia 19 de maio de 1973.

16 - Francisco Manoel do Nascimento, o Chico da Matilde, lidera o movimento que fecha o porto de Fortaleza ao embarque de escravos, ganhando aí a alcunha de *Dragão do Mar*. É ovacionado nas ruas do Rio de Janeiro, onde desfila na jangada *Liberdade*. Era prático da Capitania dos Portos e membro da Sociedade Cearense Libertadora. Nascido em Canoa Quebrada, Aracati, veio a falecer, aos 75 anos, em Fortaleza, no dia 6 de março de 1914, trinta anos depois da abolição dos escravos no Ceará. É nome de rua, rádio e centro cultural. Traçamos sua biografia e sua luta no livro *Dragão do Mar e seu tempo*.

17 - Na segunda investida holandesa no Ceará, Matias Beck chegou ao Mucuripe e logo deixou a enseada em procura de um lugar mais adequado para desembarcar a infantaria. Encontrou a embocadura do riacho Marajaik (Pajeú), onde construiu, em 1649, o Forte Schoonenborch, em homenagem ao governador holandês no Brasil.

18 - A seca de 1877-79 fez com que o Governo Federal enviasse uma comissão ao Nordeste, que determinava a perfuração de poços e construção de estradas de ferro e rodagem. Até que em 21 de outubro de 1909 foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas, transformada em IFOCS em 1919, e, posteriormente, em 1945, em DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Seu primeiro diretor foi o engenheiro Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa.

19 - Juarez do Nascimento Fernandes Távora (Jaguaribe, 1898 - Rio de Janeiro, 1970) participou de todas as revoltas militares da década de 1920 e que

culminaram na Revolução de Trinta. Juntou-se à Coluna Prestes, foi Ministro da Viação de Vargas, com quem rompeu na implantação do Estado Novo, e conspirou contra ele. Foi candidato a Presidente da República e perdeu para Juscelino Kubitschek. Ministro da Viação de Castelo Branco.

20 - De origem humilde, muito cedo José Edmar Morel embarcou para a capital federal num porão de cargueiro. Ingressou no *Jornal do Brasil* e passou por outros órgãos da imprensa: *O Globo*, *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *A Tarde*, *Jornal da Noite*. Foi um dos maiores repórteres da revista *O Cruzeiro*. Escreveu *Dragão do Mar*; *o jangadeiro da abolição*, que na segunda edição recebeu o nome de *Vendaval da Liberdade*. Morreu a 14 de novembro de 1989, no Rio de Janeiro.

21 - O Theatro José de Alencar teve sua construção iniciada em 1888, na antiga Praça Marquês de Herval. A inauguração oficial deu-se no dia 17 de julho de 1910 com a execução de hinos pela Banda Sinfônica do Batalhão de Segurança sob a regência dos maestros Luigi Smido e Henrique Jorge Ferreira Lopes. A parte metálica, no estilo *art-nouveau*, foi importada de Glasgow, Inglaterra. Suas pinturas internas foram executadas por Paula Barros e Ramos Cotoco.

22 - Dom Antônio de Almeida Lustosa, mineiro, tomou posse como arcebispo metropolitano de Fortaleza em 1941, na igreja do Pequeno Grande. Pertenceu ao Instituto do Ceará, era cidadão fortalezense e recebeu (*post-mortem*) a Medalha da Abolição. Faleceu a 14 de agosto de 1974, com 88 anos, em Carpina, Pernambuco e foi sepultado na cripta da catedral. Por ser magrinho, a malícia do povo aplicou-lhe o apelido de “envelope aéreo”.

23 - Cearense de Ubajara (1907), o jornalista e escritor Raimundo Magalhães Júnior colaborou em diversos periódicos, como *Folha Carioca* e *Diário de*

*Notícias*. Dirigiu as revistas *Vamos Ler!*, *Carioca* e *Revista da Semana*. Membro da Academia Brasileira de Letras, foi vereador em duas legislaturas. Trabalhou em diversos países da América do Sul e nos Estados Unidos. Foi assistente de Nelson Rockefeller na Coordenadoria de Assuntos Interamericanos. É extensa sua obra literária e no fim da vida escrevia sobre literatura para a revista *Manchete*, em frente a qual morreu atropelado.

24 - Em 1912, toma posse o terceiro bispo do Ceará, Dom Manoel da Silva Gomes, que o povo chamou de “bolo confeitado” pelo espalhafato de seus paramentos. Em 1915, passa à condição de arcebispo, visto a elevação do bispado para esse patamar. Em 1938 procede a demolição da igreja de São José para dar lugar à Catedral. Renuncia ao cargo em 1941 e falece a 14 de março de 1950, sendo sepultado na cripta da Sé, em construção.

25 - O compositor cearense radicado no Ceará desde 1928, Luiz Gonzaga Assunção foi um dos maiores nomes no nosso cenário musical. Em 1974, prestou depoimento para o Museu Fonográfico do Ceará (Arquivo Nirez), filmado pela TV Verdes Mares, onde conta sua trajetória artística. Recebeu título de Cidadão Fortalezaense em 1976 e é nome de projeto da Secretaria de Cultura do Município. Morreu a 9 de maio de 1987, com 85 anos. Foi por muitos anos pianista da Ceará Rádio Clube, fundou uma escola de samba com seu nome e é autor da música *Adeus Praia de Iracema*, um clássico da MPB cearense.

26 - Em 1950, o compositor igatuense Evaldo Gouveia juntou-se aos companheiros Epaminondas de Souza e Mário Alves e formou um grupo que o diretor da Ceará Rádio Clube, escritor Eduardo Campos, deu o nome de Trio Nagô. Apresentaram-se na Rádio Nacional (Programa César de Alencar) e logo

foram contratados pela Rádio Jornal do Brasil, além de tocar nas boates Vogue (Rio de Janeiro) e Oásis (São Paulo).

27 - O Bar do Anísio ficava na Beira Mar e recebeu a nata da intelectualia cearense por 25 anos, de 1960 a 1985. Reduto da boemia e da esquerda festiva, reunia compositores, poetas, pintores, que tinham como seus representantes Cláudio de Abreu Pereira e Francisco Augusto Pontes. Famosos astros visitaram o bar cultural, como Vinicius de Moraes, Taiguara, Carlos Imperial, Aldemir Martins, Millôr Fernandes, Paulinho da Viola e outros.

28 - “Pessoal do Ceará” foi o nome com o qual se tornou conhecido o grupo de cantores e compositores que surgia para o cenário musical. *Slogan* do disco de Roger, Têti e Ednardo: *Meu corpo, minha embalagem, todo gasto na viagem*, gravado em 1972. Participaram Augusto Pontes, Dedé Evangelista, Ricardo Bezerra, Tânia Araújo, Cláudio Pereira, Francis Vale, Belchior e Fausto Nilo. Sobre o assunto existe um livro de autoria de Pedro Rogério (filho de Roger e Têti), intitulado: *Pessoal do Ceará: Habitus e corpo musical na década de 1970*.

29 - A TV Ceará, canal 2, da cadeia associada, foi inaugurada em novembro de 1960 com a direção geral do teatrólogo Manoel Eduardo Pinheiro Campos. Seu ponto forte era o teleteatro, onde se sobressaíram realizadores como Guilherme Neto, Hildeberto Torres, Péricles Leal, João Ramos, Augusto Borges, Gonzaga Vasconcelos e Ary Sherlock. No jornalismo, Aderson Braz, Lustosa da Costa, Ciro Saraiva, Tarcísio Holanda, Narcélio Limaverde. Gilmar de Carvalho escreveu um livro sobre e está no prelo um outro de autoria desse escriba.

30 - Augusto Pontes foi, sem dúvida, a cabeça pensante de uma geração de criadores e compositores da nossa música. Pensador, formado em filosofia,

atuou na propaganda e na política. O boêmio mais presente na noite fortalezense, sempre armado de suas tiradas geniais e definitivas. Um crítico mordaz do seu tempo. Foi professor da UnB e em Brasília, ainda hoje, é cultuado como gênio. Foi parceiro de quase todos os compositores da geração que se convencionou chamar de “O Pessoal do Ceará”.

31 - Roberto Cláudio de Abreu Pereira, da Columinjuba do tio avô Capistrano, o historiador, foi o primeiro e maior agitador cultural da loura desposada do sol. Em sua casa reunia a patota divina e elegia a Garota Cultural, anualmente, uma delas a historiadora Isabel Lustosa. Cláudio Pereira foi, por muitos anos, Secretário de Cultura do Município e tinha uma vida noturna intensa. Passando por diversos bares culturais, saboreando seu *cuba-libre*; uma velada alusão ao comandante Fidel.

32 - Raimundo Fagner Cândido Lopes, depois de já ter gravado *Manera Fru-fru*, caiu nas graças de Elis Regina, chegando a ser seu compositor favorito, passando até a residir na casa da cantora. Elis Regina gravou também Belchior, João Bosco, Aldir Blanc e outros. Elis apresentou o cantor a Ivan Lins, excelente pianista que, com seus arranjos, enfunou as velas do *Mucuripe*.

33 - Francisco de Oliveira Carvalho é natural de Russas-CE (1927). Em 1964, ingressou na Universidade Federal do Ceará. Conquistou alguns prêmios literários, dentre eles o Bienal Nestlé de Literatura / 1982. Publicou mais de vinte livros, dentre os quais destacamos: *Raízes da voz*, *Romance da nuvem pássaro*, *Girassóis de barro*, *Barca dos sentidos* e *As verdes léguas*. Faleceu em março de 2013.

34 - *O Cruzeiro* era o título de uma revista semanal que circulou no Brasil desde 1928. Popular, chegou a alcançar a tiragem de 790 mil exemplares na edição

sobre a morte de Getúlio Vargas. Após a morte de Assis Chateaubriand, entrou em decadência, tendo seu título leiloado em 1975.

35 - Nascido em 1890, em Sobral, foi aos quatro anos morar em Camocim, pois o pai era mecânico da rede ferroviária (RVC) e para lá havia sido transferido. Em 1910, foi para o Rio de Janeiro, onde formou-se em engenharia. Pintor, desenhista e gravador, ganhou, em 1917, o Prêmio Viagem ao Estrangeiro, fixando-se em Paris. Depois, Camocim de volta. Retratou, como poucos, a vida dos jangadeiros e pescadores.

36 - O magazine semanal *Manchete*, concorrente de *O Cruzeiro*, pertencia à Bloch Editores S.A. e veio à luz em 1952, com sede no Rio de Janeiro. Tinha uma média de circulação, em 1975, de duzentos mil exemplares. Publicava uma edição paralela, dedicada ao desporto, com o nome de *Manchete Esportiva*.

37 - Rodolfo Ramos Teóphilo era baiano, nascido em 1853. Veio ainda criança para o Ceará, mas voltou para formar-se em Farmácia em Salvador. Envolveu-se na campanha da abolição dos escravos e fez parte da Padaria Espiritual. Publicou 27 livros, entre ficção, poesia e trabalhos científicos. Morreu em 1932.

38 - Virgílio de Moraes Fernandes Távora nasceu em Fortaleza, em 1919, filho do Senador Fernandes Távora. Militar de carreira, dirigiu a União Democrática Nacional que, com o golpe militar, transformou-se em ARENA - Aliança Renovadora Nacional. Governou o Ceará em duas ocasiões: 1963-66 e 1979-82. Mantinha boas relações com o presidente João Goulart e era um dos três famosos coronéis; os outros, César Cals e Adauto Bezerra.



39 - A pedreira da Monguba ficava em Pacatuba a 28.334 metros da capital e o trem passava, pra chegar até lá, por Otávio Bonfim, Couto Fernandes, Parangaba e Maracanaú. As condições para extração de pedras eram desfavoráveis, daí contratar-se flagelados para o trabalho. As pedras eram transportadas para o porto do Mucuripe e paredões das praias Iracema, Ideal e Meireles.

40 - Quando da debandada das prostitutas do centro da cidade, muitas delas, principalmente as decadentes, estabeleceram-se ali perto, no Arraial Moura Brasil, no lugar chamado de Curral das Éguas, conhecido também por Cinza, abaixo da ladeira da Misericórdia.

41 - Em 1935, o tenente Manoel Cordeiro Neto já era Chefe de Polícia. No ano seguinte, comanda pessoalmente o ataque aos fanáticos do Caldeirão liderados pelo Beato Lourenço. Em 1938, cria o Departamento de Divulgação e Propaganda e no ano seguinte, passa, como capitão, a comandar a Polícia Militar do Ceará. Em 1958, candidata-se a Prefeito de Fortaleza e vai eleito. Morre a 22 de janeiro de 1992, em Fortaleza, com 91 anos de idade.

42 - O bairro Verdes Mares fica situado na região do Papicu, e o nome foi dado pelo povo em virtude de ali ter sido instalada a *Rádio Verdes Mares* quando esta saiu do Edifício Pajeú. Dos Diários e Rádios Associados, passou para o grupo Edson Queiroz. Foi inaugurada em 1956 e passou da cadeia de Chateaubriand para Paulo Cabral, a título de indenização.

43 - Os irmãos Dummar instalaram a *Ceará Rádio Clube* a 21 de setembro de 1933. Em 1939, a *Perrenove* realiza a primeira transmissão esportiva na voz dos irmãos José e Paulo Cabral de Araújo. Em 1941, inaugura as instalações das

ondas curtas no Montese e a nova sede no Edifício Diogo. Depois do Pajéu, a sede passa para a Estância Castelo (Dionísio Torres) e a casa da Senador Virgílio Távora. Sempre com o mesmo luminoso de gás neon.

44 - Jornalista dos mais competentes, Blanchard Girão iniciou a carreira em 1944 como revisor da *Gazeta de Notícias*. Passou pelos *Diários Associados*, *O Povo* e *Dragão do Mar*. Em 1961, fundou a revista esportiva mensal *Craque*. Outras tentativas: *Goal*, com Hermano Justa; e *Gol de Letra*, com Mino Castelo Branco. Quando Deputado Estadual, foi cassado e preso em 1964, juntamente com Pontes Neto, Fiúza Gomes, Raimundo Ivan, Amadeu Arrais e Aníbal Bonavides.

45 - Em 1940, os Diários e Rádios Associados estimulavam as competições esportivas da orla marítima. Era a chamada Prova Heroica de Natação, que reunia nadadores de todas as classes. No dia 12 de fevereiro surge novo herói: aos 12 anos de idade chega em 2º lugar na prova dos 400 metros (Ponte dos Ingleses ao Viaduto Moreira da Rocha) João Gentil Júnior, ganhando a prova em apenas dois minutos.

46 - Herbert George Welles (1866-1946) era um escritor, jornalista e historiador inglês que acreditava na educação científica como caminho para a felicidade. Escreveu *A máquina do tempo*, *O homem invisível*, *A guerra dos mundos*, *Uma utopia moderna*, *História Universal* e *A construção do mundo*.

47 - Compositor, violonista e cantor, Dorival Caymmi nasceu em 1914 e começou a carreira em 1935, na Rádio Clube de Salvador. Dois anos depois foi para o Rio de Janeiro, quando trabalhou na revista *O Cruzeiro* como desenhista. Todo o seu repertório evoca o mar e a Bahia: *É doce morrer no mar*, *O que é que a baiana tem?*, *Suíte dos pescadores*, *Você já foi à Bahia?*.

48 - Miguel Ângelo Azevedo (Nirez), jornalista e pesquisador, fez de sua casa um pequeno museu, o Arquivo Nirez, onde guarda, além de objetos preciosos, depoimentos de suma importância para a nossa história. É membro do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Durante muitos anos manteve uma página semanal no jornal O Povo, “Fortaleza de ontem e de hoje”, enfeitadas em livro em 1991. Editou também (BNB) *Cronologia Ilustrada de Fortaleza* (2001), diariamente consultada por este escriba. Mais publicações: *Discografia brasileira, O balanceio de Lauro Maia e Crônica brasileira* através do disco. Colabora em diversos jornais e revistas e aqui agradecemos pela valiosa presença no almanaque DeUmTudo.

49 - O maior compositor erudito brasileiro, Heitor Villa-Lobos (1887-1959), fundiu temas clássicos europeus com motivos do folclore brasileiro. Dos 18 aos 26 anos viajou por todo o país recolhendo subsídios para sua obra. Foi destaque na Semana de Arte Moderna de 1922. Seus trabalhos mais significativos foram as nove *Bachianas Brasileiras* e os 14 *Choros*. E ainda: *Noneto, Rudepoema, Cirandas, Impressões seresteiras, Festa do Sertão, Dança do Índio Branco* e outras. Sua obra foi bastante utilizada na filmografia de Glauber Rocha.

50 - Trigésimo terceiro vigário do Mucuripe, Padre José Nilson de Oliveira Lima assumiu a paróquia em 1950, a 5 de maio. Foi ordenado em 1947. Trabalhador incansável, realizou notável trabalho social. Era pescador e foi aposentado como estivador do cais. Cuidava dos interesses dos jangadeiros junto à Capitania dos Portos. De início, morava no Seminário da Prainha, e de lá ia para o Mucuripe de ônibus. Foi defensor das prostitutas quando da expulsão da Rua da Frente. Igualmente, dos pescadores e jangadeiros. Para eles conseguiu, junto à primeira dama Luiza Távora, conjuntos habitacionais.

Fundou colégio profissionalizante que tem seu nome e reformou a matriz e o cemitério. Quando de seu jubileu de ouro sacerdotal (1997), recebeu carinhosa homenagem do radialista amigo Wilson Machado, em forma de crônica radiofônica, *Pimentinha de Cheiro*, resumindo sua trajetória, e que se encontra reproduzida no livro de Blanchard Girão.

51 - Atuante político, bacharel em direito, Adahil Barreto Cavalcante foi cassado em 1964 pelo regime militar. Candidato a governador pelo Partido Trabalhista Brasileiro em 1962 foi derrotado por Virgílio Távora. Faleceu a 11 de novembro de 1982 com 68 anos de idade. Batiza o Parque do Cocó.

52 - Alberto Queiroz, advogado, atuou por muito tempo no sindicato dos Portuários. É nativo do Mucuripe, bairro pelo qual sempre lutou e defendeu em diversos segmentos, tendo sido vereador por três legislaturas. Participou da diretoria do Clube Terra e Mar e com sua liderança prestou inestimáveis serviços à comunidade. Ainda hoje reside no bairro, olhando para o farol novo e o mar de Vicente Pinzon. Casado com Ideuza Queiroz, líder comunitária, tem três filhos, um deles o Rogério Cabeção que, pra não negar as origens, é marítimo, capitão de longo curso nesta vida jangadeira.

53 - Rio que desemboca na praia da Cofeco, que quer dizer riacho das bananeiras ou rio das pacovas. PACO-TY, na opinião de José de Alencar, vem de pacoba (banana) e y (água).

54 - Essas palavras atribuídas ao Padre Nilson foram sobejamente divulgadas no rádio e o povo as recebeu como verdadeiras, mas, talvez, estejam apenas no folclore. Maldoso. Quem conheceu o sacerdote sabe que o fato não é verdadeiro. Ainda bem que a piada já saiu do Mucuripe e ganhou outras freguesias.

55 - O Padre Francisco Hélio Campos dirigiu os destinos da paróquia do Mucuripe de 25 de fevereiro de 1940 a 11 de agosto do mesmo ano. Voltou em 1941 e passou mais três meses, indo depois para o Pirambu, onde teve intensa atuação no sentido social até os conturbados anos da ditadura militar. Morre a 23 de janeiro de 1975, aos 63 anos de idade. Era natural de Quixeramobim.

56 - Populoso bairro de Fortaleza, situado na zona praieira, abaixo do morro do Jacarecanga. Sede de colônia de pescadores e berço do famoso pintor primitivista Chico da Silva. Pirambu é nome de peixe e tem origem indígena, composto de PIRÁ (peixe) + MBU (barulho, estrondo), ou seja, peixe barulhento.

57 - No início da década de 1960, os franceses estavam pescando lagosta em águas brasileiras protegidos por embarcações militares. As autoridades rechaçaram a invasão e criou-se um incidente diplomático que a imprensa chamou de *A Guerra da Lagosta*, envolvendo até os presidentes João Goulart, do Brasil e Charles de Gaulle, da França. Culminando com o envolvimento de esquadras dos dois países, tropas, aviões e navios de guerra ficaram de prontidão. No Mucuripe foram atacados os contratorpedeiros Bertioiga e Bependi, e dali decolavam jatos tipo F-80 em missão de identificação. O jornal francês *Le Monde* assegurou que a guerra não beneficiaria nem França, nem Brasil, mas sim os interesses norte-americanos. O “*affair*” teve fim com a intervenção da ONU, dando ganho de causa ao Brasil. Em 1982 foi assinada a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos do Mar.

58 - Orixá marítimo, a mais popular entidade feminina do Candomblé e da Umbanda. No Brasil foi aculturada como a iara ameríndia. Recebe oferendas lançadas ao mar. Suas cores são azul e branco.

59 - Sebastião Rocha (Sibá), conhecido garçom da orla marítima, foi, por muito tempo, *maitre* do Náutico Atlético Cearense e atuou em diversas casas de Fortaleza. Pioneiro, fundou o Baiúka, restaurante típico da Beira Mar, de propriedade de Nildo Portela. Trabalhou ainda no Carlão e no Lá & Cá. Morou por muitos anos na Varjota. Reside atualmente em sua terra natal, Santana do Acaraú.

60 - O Chez Pierre foi o restaurante pioneiro da Praia do Futuro, quando foi aberta a nova Avenida Zezé Diogo, em homenagem ao industrial Diogo Vital de Siqueira. Dali em diante Fortaleza era só mar e mato, tirante o Clube Caça e Pesca.

## Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. **Iracema**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 1983.

ARAÚJO, Nearco Barroso Guedes de. **Jangadas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 1985.

AZEVEDO, Miguel Ângelo (Nirez) de. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil. 2001.

CARUSO, Raimundo C.. **Aventuras dos Jangadeiros do Nordeste**. Florianópolis: Panam Edições Culturais. 2004.

CASTRO, Wagner. **No Tom da Canção Cearense**. Fortaleza: Edições UFC. 2008.

ESPÍNOLA, Rodolfo. **Caravelas, Jangadas e Navios: uma história portuária**. Fortaleza: Omni Editora. 2007.

FALCÃO, Marlio Fábio Pelosi. **Dicionário Toponímico e Geográfico do Nordeste**. Fortaleza: Artlaser Editora e Gráfica. 2005.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Armazém da Cultura. 2012.

FREITAS, Mariano. **O Prefeito Acrísio e a Câmara Vermelha**. Fortaleza: Realce Editora. 2008.

GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha. 1998.

LEITÃO, Juarez. **Sábado**: Estação de Viver. Fortaleza: Editora Premius. 2000.

MAIA, Luciano. **Seara**. Fortaleza: Cearte. 1986.

MAIA, Virgílio. **Palimpsesto & Outros Sonetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 2004.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. **Do Mar ao Museu**: A Saga da Jangada São Pedro. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria de Cultura e desporto do Ceará. 2001.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará**: Habitus e Campo Musical na década de 1970. Fortaleza: Edições UFC. 2008.



Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no verão de 2014.  
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.  
O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.



**Prefeitura de  
Fortaleza**

Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

O Farol do Mucuripe, nos primórdios, chamado oficialmente de candeeiro, ali posto entre corais, com o objetivo de orientar navegantes alheados, mais tarde teve outra serventia, paradoxalmente similar: a de conduzir as mulheres expulsas da rua da frente, atual avenida Beira-Mar, para as moradas destinadas às prostitutas — o gueto do pecado.

Ao mesmo tempo, o Farol guiava naufragados para noites de amor ou temerária boemia.

O velho reduto do Farol era classificado, preconceituosamente, de antro de perdição.

